



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS DE
LICENCIATURA EM LETRAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

RAYANE MEDEIROS DOS SANTOS CAVALCANTE

**ENTRE AS PANDEMIAS DE COVID-19 E FAKE NEWS: UMA
ANÁLISE SOBRE O DISCURSO CIENTÍFICO EM PLATAFORMAS
DIGITAIS**

João Pessoa/PB

2021

RAYANE MEDEIROS DOS SANTOS CAVALCANTE

**ENTRE AS PANDEMIAS DE COVID-19 E FAKE NEWS: UMA
ANÁLISE SOBRE O DISCURSO CIENTÍFICO EM PLATAFORMAS
DIGITAIS**

Monografia apresentada como pré-requisito para obtenção de nota na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso e para a obtenção do título de graduada em Letras, habilitação em Língua Portuguesa, sob a orientação da Prof^a Dr^a Edjane Gomes de Assis.

JOÃO PESSOA/PB

2021

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

C376e Cavalcante, Rayane Medeiros dos Santos.
Entre as pandemias de Covid-19 e fake news: uma
análise
sobre o discurso científico em plataformas digitais /
Rayane Medeiros dos Santos Cavalcante. - João Pessoa,
2021.
56 f. : il.

Orientação: Edjane Assis.
TCC (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Discurso científico. 2. Covid-19. 3. Biopolítica.
4.
Fake news. 5. Plataformas digitais. I. Assis, Edjane.
II. Título.

UFPB/CCHLA CDU 81

RAYANE MEDEIROS DOS SANTOS CAVALCANTE

ENTRE AS PANDEMIAS DE COVID-19 E FAKE NEWS: UMA ANÁLISE
SOBRE O DISCURSO CIENTÍFICO EM PLATAFORMAS DIGITAIS

Data de aprovação: ____18____/ ____11____/ ____2021____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Edjane Gomes de Assis (UFPB)
Orientadora

Prof.^a Dr.^a Eliana Vasconcelos da Silva Esrael (UFPB)
Examinadora

Prof. Dr. Pedro Farias Francelino (UFPB)
Examinador

Prof.^a Dr.^a Josete Marinho de Lucena (UFPB)
Examinadora Suplente

JOÃO PESSOA/PB

Dedico este trabalho a todas as vítimas do Covid-19, entre eles o meu padrinho, Laércio, e à suas famílias que vivem o vazio de um luto imensurável. Vocês não serão esquecidos!

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe, Mary, e ao meu pai, Gesse, por sempre me incentivarem a estudar, cada um à sua maneira. Seja com palavras, como quando painho dizia: “estude para você ter um bom futuro”; ou ainda, com gestos, quando mainha preparava almoço numa marmita pra eu passar o dia na escola.

Agradeço à minha irmã, Rayssa, por estar ao meu lado desde o nascimento, e me acompanhar em todas as minhas fases da minha vida; e ao meu irmão, Rodrigo, por se fazer presente nos pequenos e grandes momentos da minha existência. Vocês são as pessoas mais importantes da minha vida e suas existências me fazem querer viver e ser uma pessoa melhor.

Agradeço aos meus amigos, os mais distantes e os mais próximos, os que já foram e os que ficaram, vocês são parte importante do que eu fui, sou e serei. Obrigada pelos conselhos, pelo cuidado e pelo carinho nos mais pequenos gestos.

Agradeço também ao grupo de k-pop, BTS, do qual sou fã desde que entrei no curso de Letras Português, em 2018. Através das mensagens em suas músicas fui capaz de ser consolada em muitos momentos difíceis e solitários que vivenciei na graduação. Jamais esquecerei como suas músicas me ajudaram a encontrar meu lugar no mundo, e a enxergar sentido na profissão que escolhi.

Agradeço aos meus colegas de curso que me acompanharam durante a graduação e de alguma forma tornaram esse caminho mais fácil de ser seguido. Em particular, minha colega e amiga Darluzi, com quem pude compartilhar momentos maravilhosos que incluem demoradas discussões sobre linguística, ensino de língua portuguesa e literatura, e também momentos difíceis, sejam da vida acadêmica ou pessoal. Sua companhia tornou o processo mais leve.

Por fim, agradeço a todos os professores que passaram pela minha vida, da escola à universidade, e que de alguma maneira tornaram-se inspiração para mim. Especialmente, agradeço à minha orientadora professora dra. Edjane Gomes de Assis, que me "iniciou" na pesquisa e fez com que eu me apaixonasse pela Análise do Discurso. Minha identidade como pesquisadora passa também pela sua. Gratidão!

RESUMO

Diante do atual cenário pandêmico em que se encontra o Brasil e o mundo, irrompem diversos discursos na mídia, sejam os que defendem a ciência ou aqueles que se colocam opostos a ela – como o chamado discurso negacionista alimentado por outra pandemia – a de fake news. De caráter qualitativo-interpretativo, este trabalho analisou os efeitos de sentido produzidos a partir de enunciados sobre a vacinação contra o Covid-19 que circulam em plataformas digitais brasileiras, a saber: Instituto Butantan, Projeto Mandacaru e Rede Nacional de Combate à Desinformação. Assim sendo, nossa pesquisa partiu da seguinte problemática: De que maneira essas plataformas digitais, a partir de seus processos de discursivização, atuam no combate à disseminação de fake news? Para responder tal questionamento, selecionamos enunciados que se encontram na seção “Butantan Tira Dúvida” no site do Instituto Butantan (Disponível em: <https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-fato-fake>) e comparamos os efeitos de similitudes com a seção “Combate à desinformação” que encontramos no site do Projeto Mandacaru numa parceria com a Rede Nacional de Combate à Desinformação (Disponível em: <https://mcd.org/>). Entendendo que nossa análise incide sobre o discurso em práticas contemporâneas utilizamos os pressupostos da Análise do Discurso, sobretudo na esteira de teóricos como Foucault (1997; 2005; 2014; 2019; 2020), Navarro (2003); Gregolin (2003), dentre outros, mobilizamos algumas categorias de análise como discurso, saber-poder, biopolítica, jogos de verdade, além de discutir a relação entre mídia e sociedade. Além disso, discutimos acerca do conceito de *pós-verdade* e como ele serve de base para a disseminação em massa de *fake news*. Nossa investigação apontou que essas plataformas científicas brasileiras, a partir de seus respectivos processos de discursivização, funcionam como ferramentas biopolíticas e ao mesmo tempo, como antídotos capazes de combater o vírus da fake news, que neste contexto é um vírus tão mortal quanto o coronavírus.

Palavras-chave: Discurso Científico. Covid-19. Biopolítica. Fake News. Plataformas Digitais.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Ossos do Cemitério dos Inocentes que foram transferidos para as catacumbas de Paris.....	21
Figura 2 – Primeira pessoa a ser vacinada contra o coronavírus no Brasil.....	28
Figura 3 – Mapa da evolução da vacinação contra o coronavírus no Brasil.....	30
Figura 4 – Dados percentuais sobre a vacinação no Brasil.....	31
Figura 5 – Página inicial do site do Instituto Butantan.....	38
Figura 6 – Seção “Butantan Tira Dúvida”.....	40
Figura 7 – Notícia #fake.....	40
Figura 8 – Notícia #fato.....	42
Figura 9 – Subcomitês do Projeto Mandacaru.....	44
Figura 10 – Página inicial do site do Projeto Mandacaru.....	45
Figura 11 – Página inicial da Rede Nacional de Combate à Desinformação.....	46
Figura 12 – Fact Checking.....	47
Figura 13 – Fake news que associa a vacina à AIDS.....	48

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 – Alguns conceitos basilares	13
1.1 Discurso, formação do saber e efeitos de verdade	13
1.2 Biopolítica e mecanismos disciplinares: um breve percurso histórico.....	17
2 – A pandemia de Covid-19 e a nova realidade social	25
2.1 E o vírus chega ao Brasil.....	25
2.2 O processo de imunização e contribuição do saber científico	28
3 – O vírus da fake news: há cura?	34
3.1 A seção “Butantan Tira Dúvida”: o saber-poder do Instituto Butantan	37
3.2 O Projeto Mandacaru e a Rede Nacional de Combate à desinformação	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS	52

INTRODUÇÃO

No dia 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde – OMS declarou a pandemia de coronavírus, doença causada pelo SARS-CoV-2¹, que teve como epicentro a cidade de Wuhan, na China. A partir desse momento, o Brasil e o mundo iniciaram uma batalha contra um inimigo invisível, mas letal, que já vitimou mais de cinco milhões de pessoas no mundo.

Nessa conjuntura, irromperam na mídia os mais diversos dizeres relacionados à crise pandêmica. Alguns desses, defensores da verdade científica e da ciência como principal instrumento na luta contra o Covid-19. Em contrapartida, surgiram também discursos negacionistas alimentados pela pandemia de fake news que se alastra de maneira descontrolada, e se tornou uma grande ameaça, sobretudo nessa era da pós-verdade.

Esse contexto de pós-verdade se caracteriza pela descrença em todas as intuições responsáveis por validar um discurso, sendo as principais a ciência, a mídia e a justiça. Assim, com o aumento da desconfiança da sociedade diante dessas instituições, há um “desmoronamento do valor da verdade” (D’Ancona, 2018), e com isso, a verdade passar a ser aquilo que traz certa segurança emocional ao sujeito, independente se há validação ou não das instituições de saber-poder.

Essa descrença nas instituições de poder, em particular a ciência, não é um acontecimento inédito na nossa história. Afinal, na Idade Média, o único discurso que podia circular na sociedade era o discurso produzido pela Igreja Católica. Por isso, esse período histórico ficou conhecido também como “Idade das Trevas”. Em comparação ao contexto atual, esse obscurantismo possui um alcance ainda maior, devido às redes sociais, principais responsáveis pelo rápido processo de disseminação de fake news.

Diante desse cenário, este trabalho objetiva analisar como ocorre o processo de discursivização presente nas plataformas científicas nacionais, tendo como recorte enunciados referentes à vacinação contra o coronavírus. Nesse sentido, de caráter qualitativo-interpretativo, nossa pesquisa objetiva responder à seguinte problemática: De

¹ Sigla do inglês que significa coronavírus 2 da síndrome respiratória aguda grave, cuja doença recebeu a denominação pela Organização Mundial da Saúde (OMS) de COVID-19 (do inglês coronavirus disease 19 - ano de aparecimento do vírus). Disponível em: <https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/biblioteca/orientacoes-a-respeito-da-infeccao-pelo-sars-cov-2-conhecida-comocovid-19-em-criancas/>. Acesso em: 27 out. 2021.

que maneira essas plataformas digitais, a partir de seus processos de discursivização, atuam no combate à disseminação de fake news?

Para tanto, utilizamos como pressupostos teóricos os estudos desenvolvidos pela Análise de Discurso francesa, sobretudo na esteira de teóricos como Foucault (1997; 2005; 2014; 2019; 2020), Navarro (2003) e Gregolin (2003). Assim, discutimos conceitos como discurso, enunciado, arquivo e formação discursiva, a fim de entender de que forma esses elementos constituem o discurso científico. Além disso, discorremos sobre como a verdade está intrinsecamente ligada à forma do saber científico (FOUCAULT, 2019), e consequentemente ao poder, dois elementos essenciais responsáveis pela validação de um discurso.

Somado a isso, retomamos o processo de formação do saber e surgimento da biopolítica, uma nova tecnologia de poder que revolucionou a maneira como o poder atua sobre a vida humana. Por isso, discorremos sobre o nascimento da medicina social, que tem três fases de formação, a medicina de Estado, a medicina urbana e a medicina “dos pobres” ou da força de trabalho.

Para entender o funcionamento dessa biopolítica, apresentamos alguns elementos que funcionam como engrenagens e sustentam essa grande máquina da microfísica do poder, a saber, dados científicos referentes ao número de mortos pelo Covid-19, além dos números referentes à eficácia de cada imunizante utilizado em território nacional, são eles: Coronavac, Pfizer, Janssen e AstraZeneca. Esses dados atuam como práticas de verdade e são utilizados pelo Estado para propor medidas biopolíticas de intervenção à pandemia.

Dessa maneira, utilizamos como corpus² de estudo enunciados que se encontram na seção “Butantan Tira Dúvida” no site do Instituto Butantan (Disponível em: <https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-fato-fake>) e comparamos os efeitos de similitudes com a seção “Combate à desinformação” que encontramos no site do Projeto Mandacaru³ numa parceria com a Rede Nacional de Combate à Desinformação (Disponível em: <https://rncd.org/>).

Como forma de organização, este trabalho está sistematizado em tópicos que se coadunam: *Introdução* – momento em que tecemos algumas considerações preliminares sobre nosso processo investigativo; 1. *Alguns conceitos basilares*, tópico dividido em 1.1.

² Optamos por analisar enunciados que desmentem as fake news em detrimento das fake news veiculadas na mídia. Isso se deu porque entendemos que esse tipo de discurso deve se manter à margem, ou seja, sem holofotes.

³ Corpus de estudo no Projeto de Iniciação Científica (PIBIC/UFPB/2020-2021) em que estou como bolsista sob supervisão da professora Dra. Edjane Assis.

discurso formação de saber e efeitos de verdade e 1.2. biopolítica e mecanismos disciplinares: um breve percurso histórico – tópicos em que discorreremos acerca da formação do discurso científico e os jogos de verdade que o atravessam, além do nascimento de uma nova tecnologia do poder chamada biopolítica.

Além disso, apresentamos o tópico 2. *A pandemia de Covid-19 e a nova realidade social*, que está dividido em 2.1. *E o vírus chega ao Brasil* e 2.2. *O processo de imunização e contribuição do saber científico* – tópicos em que apresentamos dados científicos referentes ao impacto mortífero da pandemia na população brasileira, além de números comprovando a eficácia da vacinação contra o coronavírus no país.

Em sequência, apresentamos o tópico 3. *O vírus da fake news: há cura?* que se divide em 3.1. *A seção “Butantan Tira Dúvida”: o saber-poder do Instituto Butantan* e 3.2. *O Projeto Mandacaru e a Rede Nacional de Combate à Desinformação* – ambos são tópicos de análise deste trabalho, em que discutimos os processos de discursivização presentes nessas plataformas midiáticas. Por fim, as *Considerações finais* – em que faremos uma retomada dos principais aspectos analisados neste trabalho.

1 – ALGUNS CONCEITOS BASILARES

1.1 Discurso, formação do saber e efeitos de verdade

Neste tópico discutiremos alguns conceitos essenciais que servirão como base para a análise do nosso corpus. Antes de adentrarmos nas categorias sobre o processo de formação do saber e efeitos de verdade, cunhados por Michel Foucault, é necessário que façamos, primeiramente, um breve percurso acerca da noção de *discurso*. Foucault (2020, p. 143) denomina *discurso* da seguinte forma: "Chamaremos de discurso um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva." Há nessa definição dois elementos essenciais para o discurso: o primeiro deles é o enunciado, o qual Foucault (2020) entende como um modo de ser singular, que não é inteiramente linguístico, nem exclusivamente material.

Além disso, Foucault aponta para a importância da materialidade de um enunciado, pois "o enunciado precisa ter uma substância, um suporte, um lugar e uma data. Quando esses requisitos se modificam, ele próprio muda de identidade." (FOUCAULT, 2008, p.114). Nessa perspectiva vemos que um simples enunciado referente ao número de mortos por Covid-19 que emerge em um determinado dia, por exemplo, se configura como um enunciado único, que jamais terá sua identidade repetida novamente, mesmo se tratando de um mesmo indicador – a taxa de mortalidade por coronavírus.

O discurso também é constituído pelo que o filósofo chama de *acontecimento discursivo*. Para ele, é necessário "(...) restituir ao discurso o seu caráter de acontecimento (...)". (FOUCAULT, 2014, p. 48). Assim sendo, o *acontecimento discursivo* "(...) é constituído pelo conjunto de todos os enunciados efetivos (quer tenham sido falados ou escritos) (...) é uma população de acontecimentos no espaço do discurso em geral." (FOUCAULT, 2020, p. 32). Com base nestes aspectos, podemos afirmar que a pandemia de coronavírus é um exemplo de acontecimento discursivo, assim como a vacinação, pois movimenta uma infinidade de enunciados multissemióticos que emergiram em diversas plataformas de interação durante a pandemia de Covid-19, no Brasil e no mundo.

Além do(s) enunciado(s) e do acontecimento discursivo, para que haja discurso, é preciso que esses enunciados se apoiem numa mesma formação discursiva, a qual é definida por Foucault (2020, p. 47) da seguinte forma:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de

enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva (...) (FOUCAULT, 2008, p. 43).

A partir dessa definição, entendemos que a *formação discursiva* nos ajuda a definir a que “rede discursiva” pertence um determinado discurso. Desse modo, temos como exemplo o enunciado: “Estudo mostra boa proteção com duas doses de AstraZeneca após 12 meses”⁴. Esse enunciado encontra-se permeado por outros enunciados pertencentes a uma mesma formação discursiva que está atravessada pelo saber, assim como todos os enunciados analisados neste trabalho.

Ora, mas como saber se um enunciado pertence a uma e não a outra formação discursiva? O que determina tal pertencimento? Para responder à essa pergunta, Foucault (2020, p. 158) define o conceito de *arquivo* como “(...) a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares.” (FOUCAULT, 2008, p. 147). Em outras palavras, o arquivo é responsável pelo aparecimento de enunciados específicos que pertencem a uma formação discursiva específica. Assim, é o arquivo “(...) que diferencia os discursos em sua existência múltipla e os especifica em sua duração própria.” (FOUCAULT, 2008, p. 147).

Finalmente, ao atribuir ao discurso um caráter de acontecimento, Foucault pontua um princípio essencial para seu método de análise discursiva – a *descontinuidade*. Esse princípio compreende que “(...) os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas, que se cruzam por vezes, mas também se ignoram ou se excluem.” (FOUCAULT, 2014, p. 50). Assim, Foucault anuncia uma “nova história”, a história da descontinuidade, que não enxerga os acontecimentos discursivos como algo linear. Nessa perspectiva, no que tange à ciência, Foucault (2014, p. 3) aponta para “(...) uma modificação nas regras de formação dos enunciados que são aceitos como cientificamente verdadeiros.” Vemos, portanto, alguns dos conceitos postulados por Foucault que se coadunam, se inter-relacionam.

Mas voltemos nossa discussão para *o saber*, um dos elementos essenciais na construção desta nossa discussão. A formação do saber está estreitamente ligada ao funcionamento das disciplinas que são definidas por Foucault (2020, p. 214-215) como “(...) conjuntos de enunciados que tomam emprestado de modelos científicos sua organização (...)”. Assim sendo, Foucault (2020) afirma que não se pode estabelecer uma relação de

⁴ Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/estudo-mostra-boa-protecao-com-duas-doses-de-astrazeneca-apos-12-meses>. Acesso em: 28 out. 2021.

semelhança entre as disciplinas e as formações discursivas, e, para provar essa distinção, ele retoma o surgimento da psiquiatria, que aparece no século XIX, e que nada tem a ver com a medicina. Isso quer dizer que, apesar de ambas serem disciplinas, elas não pertencem a uma mesma formação discursiva.

A partir desses apontamentos, percebe-se que a formação da psiquiatria, bem como da medicina ocorre a partir de “(...) todo um conjunto que caracteriza, para essa prática discursiva a formação de seus enunciados.” (FOUCAULT, 2020, p. 215). No caso da psiquiatria, essa disciplina se forma a partir de uma prática discursiva anterior a ela, que envolve exclusão por meio de regras jurídicas⁵. Nesse sentido, ao investigar se já havia uma disciplina anterior à psiquiatria, Foucault (2020) revela que não. Entretanto, “(...) apesar da ausência de qualquer disciplina instituída, uma prática discursiva com sua regularidade e consistência era empregada.” (FOUCAULT, 2020, p. 216). Ou seja, no período clássico da história já havia uma formação discursiva que abarcava elementos que futuramente seriam discutidos pela psiquiatria.

Além disso, “(...) a formação discursiva cuja a existência a disciplina psiquiátrica permite demarcar não lhe é coextensiva; ao contrário, ela a excede amplamente e acerca de todos os lados.” (FOUCAULT, 2020, p. 215-216). Essa formação discursiva a que Foucault se refere diz respeito ao saber psiquiátrico, que é anterior a própria disciplina. Esse saber psiquiátrico, como já foi dito, é formado a partir de uma prática discursiva. O *saber* é, então, definido por Foucault (2020, p. 219) como o “(...) conjunto de elementos formados de maneira regular por uma prática discursiva e indispensáveis à constituição de uma ciência, apesar de não se destinarem necessariamente a lhe dar lugar (...)”; ou seja, o campo do saber está intrínseco à ciência, mas não se limita a ela, uma vez que a ciência responde a critérios formais e a certo nível de rigor (FOUCAULT, 2020).

O saber não é um elemento que atua sozinho no discurso, pois sua aparição faz surgir, inevitavelmente, outros elementos pertencentes a ordem do discurso, entre eles, o *poder*. Esse poder do qual Foucault (2019) discute, não é um elemento considerado apenas negativo e repressivo, pelo contrário, o filósofo defende que o poder é necessário pois “(...) produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso.” (FOUCAULT, 2019, p. 45).

⁵ O saber da psiquiatria foi por muito tempo utilizado como uma ferramenta de separação e exclusão de sujeitos da sociedade, conhecidos como “loucos”. Isso porque a prática discursiva desse saber consistia na oposição entre razão e loucura. Dessa forma, Foucault (2014, p. 10) pontua que “o louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros”, sinalizando para a higienização promovida pelo discurso psiquiátrico desde a alta Idade Média. Daí a necessidade de problematização feita por Foucault.

Por isso, Foucault (2019, p. 44) questiona “Se o poder fosse somente repressivo, se não fizesse outra coisa a não ser dizer não, você acredita que seria obedecido?” Dessa maneira, temos então o *saber-poder*, que atravessa os mais diversos setores da sociedade, como escolas, universidades, como também em plataformas midiáticas no combate à pandemia de covid-19, bem como na pandemia de fake news como veremos na análise do nosso corpus: o site do Instituto Butantan e do Projeto Mandacaru.

Percebemos que falar sobre saber-poder é também falar sobre sua relação com a verdade. A *verdade*, que para o filósofo Aristóteles é a adequação entre aquilo que acontece na realidade e o que acontece na mente⁶; e que para o cristianismo, é configurada no próprio Jesus⁷, em Foucault (2019, p. 52), a verdade “(...) é deste mundo; ela é produzida graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder.”

Assim, o discurso de uma determinada época da história recebe o status de verdadeiro ou falso dependendo do lugar de poder a que pertence o sujeito que produz tal discurso. Por isso, Foucault (2019, p. 53) define verdade como o “(...) conjunto das regras segundas as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder.” Esse poder de legitimação de um discurso é nomeado por Foucault (2014, p. 14) como *vontade de verdade*: (...) o tipo de separação que rege nossa vontade de saber, então é talvez algo como um sistema de exclusão (sistema histórico institucionalmente constrangedor) que vemos desenhar-se.”

Para os poetas do século VI, a verdade residia na pessoa que enunciava o discurso, conforme o ritual requerido, como por exemplo, um rei, um soberano etc. “(...) na ordem do discurso científico, a atribuição do autor era, na Idade Média, indispensável, pois era um indicador de verdade.” (FOUCAULT, 20214, p. 25). No entanto, com os passar dos séculos, a verdade se desloca do enunciador para o próprio enunciado. (FOUCAULT, 2014). Foi essa divisão que deu forma à vontade de saber, que surge entre os séculos XVI e XVII.

Nessa perspectiva é importante pontuar que a vontade de verdade de uma dada época nem sempre concordará com a *vontade de saber*, ou seja, com o discurso que é hegemonicamente aceito pela comunidade científica. Assim, essa vontade de verdade, conforme o teórico é “(...) reconduzida, mais profundamente sem dúvida, pelo modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído.” (FOUCAULT, 2014, p. 17).

⁶ Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/verdade/>. Acesso em: 04 out. 2021.

⁷ Fonte: João 14:6. Disponível em: https://www.bibliaon.com/versiculo/joao_14_6/. Acesso em: 04 out. 2021.

Dessa forma, percebe-se que para Michel Foucault não existe uma “verdade única”, o que existem são *efeitos de verdade* produzidos pelos mais diversos discursos. Somado a isso, dos três grandes sistemas de exclusão discutidos pelo filósofo, a saber: a palavra proibida, a segregação da loucura e a vontade de verdade, essa última “(...) não cessa de se reforçar, de se tornar profunda e mais incontrolável.” (FOUCAULT, 2014, p. 19). Por fim, Foucault argumenta que a vontade de verdade é historicamente construída, ou seja, ela nem sempre será a mesma ao longo do tempo. Por isso, Foucault (2014) pontua que apesar da vontade de verdade ser muitas vezes confundida com a verdade, elas são coisas bastante distintas.

Dessarte, em relação ao processo de construção da verdade, a mídia possui um papel central nesse processo. Segundo EDJANE Como afirma Gregolin (2003, p. 96): “(...) a mídia produz sentido por meio de um insistente retorno de figuras, de sínteses-narrativas, de representações que constituem o imaginário social.” Esse imaginário social criado pela mídia se configura como história e memória do tempo presente, e consequentemente, um discurso. Assim, esse discurso midiático sofre constantes modificações, a cada atualização de um fato, sobretudo quando se funde ao discurso científico, à exemplo dos dizeres constituídos nas plataformas do Instituto Butantan e do Projeto Mandacaru.

Nessa perspectiva, todos os conceitos discutidos neste tópico se materializam nessas plataformas digitais, que funcionam como lugares de verdade, afinal, “(...) a “verdade” é centrada na forma do discurso científico e nas instituições que o produzem (...) é objeto de debate político e de confronto social (...)” (FOUCAULT, 2019, p. 52), e, sobretudo diante desta crise de desconfiança, esse confronto fica ainda mais evidente, pois os discursos dessas plataformas entram em constante conflito com a desinformação alimentada pela pandemia de fake news.

Assim sendo, essas plataformas midiáticas se caracterizam como ferramentas de biopolítica, ou seja, atuam sobre o corpo social e produzem efeitos de verdade significativos a partir de seus discursos. Por isso, no tópico seguinte discutiremos como essa biopolítica é formada, bem como que mecanismos são responsáveis por sua manutenção, sobretudo a disciplina (no sentido de controle, regulamentação), elemento chave nas discussões foucaultianas acerca do poder e tudo aquilo que ele produz.

1.2 Biopolítica e mecanismos disciplinares: breve percurso histórico

Falar de biopolítica é falar de poder, e claro, é falar de Michel Foucault, afinal, foi ele quem primeiro movimentou discussões acerca do biopoder e cunhou o termo *biopolítica*: que seria: “a maneira pela qual se tentou, desde o século XVIII, racionalizar os problemas propostos a prática governamental, pelos fenômenos próprios a um conjunto de seres vivos constituídos em população: saúde, higiene, natalidade, raças” (FOUCAULT, 1997, p. 89).

Para ilustrar como funciona essa biopolítica, voltemos à antiguidade clássica, período escolhido por Foucault (2005) para analisar como atuavam as tecnologias de poder que atravessavam o homem-corpo. Por isso, o discurso do soberano se torna objeto de estudo do filósofo quando afirma: “(...) dizer que o soberano tem direito de vida e de morte significa, no fundo, que ele pode fazer morrer e deixar viver.” (FOUCAULT, 2005, p. 286). Era este o lema que norteava a tecnologia do poder que reinava naquela época. Sendo assim, “(...) é porque o soberano pode matar que ele exerce seu direito sobre a vida.” (FOUCAULT, 2005, p. 287).

Logo, essa antiga tecnologia do poder atuava de maneira “vertical”, ou seja, o poder residia na mão de apenas um indivíduo, o soberano, e atingia preferencialmente o corpo individual. Para explicar a atuação dessa tecnologia do poder, trazemos como exemplo a “economia do castigo” que predominava na antiguidade clássica, em que o corpo, que também é um discurso, era o principal alvo de repressão penal. Dessa forma, essa economia era constituída por castigos diretamente físicos, como amputação, esquarteramento, exposição dos cadáveres de delinquentes em praça pública, confissão dos crimes diante de toda a comunidade e o mais conhecido deles, o chamado *suplício*. (FOUCAULT, 2014)⁸.

Após esse momento, surge no final do século XVIII uma nova tecnologia de poder, que possui como mote: “fazer viver ou deixar morrer.” Nessa perspectiva, traçando um paralelo entre a prática antiga e a nova tecnologia do poder, temos então o fim dos suplícios e o nascimento das prisões. Sobre isso, Foucault (2014) se debruçou por muitos anos, a fim de discutir como esse novo mecanismo penal funciona e qual sua relação com essa nova tecnologia, a qual não ocasionou apenas o surgimento das prisões, mas também o aparecimento de políticas sanitárias. Em resumo:

(...) depois de uma primeira tomada de poder sobre o corpo que se fez consoante o modo da individualização, temos uma segunda tomada de poder que, por sua vez, não é individualizante mas que é massificante, se vocês quiserem, que se faz

⁸ Esse processo de exposição pública e punição física, que ocorria no século XVIII, pode ser comparado com as punições simbólicas que acontecem cotidianamente no ambiente virtual das redes sociais, que também podem ser consideradas um panóptico e um biopoder.

em direção não do homem-corpo, mas do homem-espécie. (FOUCAULT, 2005, p. 289).

Finalmente, esse novo poder que atua sobre a massa populacional é definido por Foucault (2005, p. 290) como *biopolítica* e “(...) trata-se de um conjunto de processos como a proporção dos nascimentos e dos óbitos, a taxa de reprodução, a fecundidade de uma população, e etc.” Esses objetos de saber são os primeiros alvos de controle dessa biopolítica. Seu surgimento se justifica por uma série de fatores, mas sobretudo a doença como fenômeno de população, que faz surgir, ainda, uma nova medicina a qual tem por função a higiene pública. Assim, o nascimento da biopolítica traz consigo uma nova medicina e um novo sistema penal, em que o poder o qual atravessa essas instituições não está mais centrado no homem-corpo, mas no homem-espécie⁹. (FOUCAULT, 2005).

Com o surgimento da biopolítica os mecanismos de poder anteriores são parcialmente abandonados, sendo camuflados e somados à novas tecnologias de poder mais “sutis”, mas não menos impactantes ao corpo humano, como aponta Foucault (2005, p. 293):

Nos mecanismos implantados pela biopolítica, vai se tratar sobretudo, é claro, de previsões, de estimativas estatísticas, de medições globais (...) vai ser preciso modificar, baixar a mobilidade; vai ser preciso encompridar a vida, vai ser preciso estimular a natalidade.

Nessa perspectiva, tornou-se inevitável o nascimento de uma nova medicina, afinal

(...) a medicina é um saber-poder que incide ao mesmo tempo sobre o corpo e sobre a população, sobre o organismo e sobre os processos biológicos e que vai, portanto ter efeitos disciplinares e efeitos regulamentadores. (FOUCAULT, 2005, p. 302).

Essa nova medicina é denominada de *medicina social* e surge entre o fim do século XVIII e início do século XIX, após o desenvolvimento do capitalismo, sistema que teve o corpo como primeiro objeto de socialização, permitindo a passagem de uma medicina privada (individualista) para uma medicina pública (social). Vemos então, que “(...) o corpo é uma realidade biopolítica (...) a medicina é uma estratégia biopolítica.” (FOUCAULT, 2019, p. 144). Sendo assim, é nesse momento em que é levantada a questão da importância de se preservar a saúde do corpo, justamente porque sua ausência prejudica a força produtiva

⁹ Ao falar sobre “homem-espécie”, Foucault (2005) se refere à forma como o poder passou a atingir o corpo, ou seja, não mais de maneira individualizante (homem-corpo), mas de maneira massificante (homem-espécie). Assim, esse “homem-espécie” é afetado por “processos de conjunto que são próprios da vida” (Foucault, 2005), como o nascimento, a morte, a doença, etc.

dos sujeitos. A medicina social aparece a partir de três etapas de formação: a medicina de Estado, a medicina urbana e a medicina da força de trabalho.

Apesar de surgirem em um mesmo momento histórico, essas etapas de formação surgem de maneira descontínua, e, conseqüentemente, em países diferentes. A primeira etapa, a *medicina de Estado*, surgiu primeiramente na Alemanha, no século XVII, e por definição: “O Estado, como objeto de conhecimento e como instrumento e lugar de formação de conhecimentos específicos.” (FOUCAULT, 2019, p. 145). Dessa forma, a ciência de Estado tinha como objetivo elevar o nível de saúde da população, diferentemente de outros países da Europa que tinham como preocupação sanitária apenas as questões de natalidade e mortalidade.

É também nesse período que surge a chamada “polícia médica” responsável por todo o controle sanitário da população, envolvendo nessa atividade mecanismos de disciplina responsáveis por administrar e regular o trabalho dos médicos. Sendo assim, “o que se encontra antes da grande medicina clínica, do século XIX, é uma medicina estatizada ao máximo.” (FOUCAULT, 2019, p. 151).

Dando continuidade, a segunda etapa de formação da medicina social é denominada *medicina urbana*, e surge na França, a partir do desenvolvimento das estruturas urbanas. Com essa urbanização, instaurou-se nas cidades o que Foucault chamará de “medo urbano”: “(...) medo das oficinas e fábricas que estão se construindo (...) das epidemias urbanas, dos cemitérios que se tornam cada vez mais numerosos e invadem um pouco a cidade.” (FOUCAULT, 2019, p. 154). Sobre o medo urbano, Foucault também retoma o caso do Cemitério dos Inocentes:

(...) que existia no centro de Paris, onde eram jogados, uns sobre os outros, os cadáveres das pessoas que não eram bastante ricas ou notáveis para merecer ou poder pagar um túmulo individual. O amontoamento no interior do cemitério era tal que os cadáveres se empilhavam acima do muro do claustro e caíam do lado de fora. (FOUCAULT, 2019, p. 154).

Segundo Foucault, esse amontoamento de cadáveres causou desmoronamento de casas ao redor do cemitério, trazendo pânico à população além de doenças, água apodrecida, etc. Para solucionar esse problema de insalubridade causada pelo acúmulo de cadáveres nos cemitérios da cidade, foram criadas, entre o século XVIII e metade do século XIX, as famosas catacumbas de Paris, que abrigam 6 milhões de mortos de vários cemitérios de Paris conforme podemos observar na seguinte imagem:

Figura 1 – Ossos do Cemitério dos Inocentes que foram transferidos para as catacumbas de Paris.



Fonte: Artrianon. Disponível em: <https://artrianon.com/2019/10/31/a-morte-e-a-vida-nas-catacumbas-centenarias-de-paris/>. Acesso em: 20 out. 2021.

No que diz respeito às epidemias causadas pela crescente urbanização das cidades, surge um modelo médico e político de intervenção sanitária, que é raramente utilizado: é a chamada *quarentena*. (FOUCAULT, 2019). Esse modelo de intervenção era utilizado como plano de urgência e possuía algumas normas como a permanência de todas as pessoas em suas casas, para serem facilmente localizadas, a divisão da cidade em bairros, cada um com uma autoridade, além de um sistema de vigilância constante que atravessava todo o espaço urbano. Finalmente, havia também um sistema de registro centralizado e uma revista constante dos vivos e dos mortos. (FOUCAULT, 2019).

Ademais, Foucault aponta dois grandes modelos de organização médica na história ocidental, o primeiro deles diz respeito à lepra, e o segundo trata-se do modelo utilizado contra a peste. A medicina de organização utilizada contra a lepra era uma medicina de exclusão. Entretanto, o modelo utilizado para combater a peste consistia no internamento: “(...) não mais o agrupamento no exterior da cidade, mas, ao contrário, a análise minuciosa da cidade, a análise individualizante, o registro permanente; não mais um modelo religioso, mas militar.” (FOUCAULT, 2019, p. 157). Ou seja, nesse novo modelo, a exclusão já não é mais utilizada, e o combate à peste consiste principalmente na disciplina e no controle.

Sendo assim, percebe-se que a medicina urbana nada mais é do que o aperfeiçoamento do sistema político médico da quarentena. (FOUCAULT, 2019). É importante salientar que esse sistema de quarentena foi utilizado por vários países após o início da pandemia de Covid-19, e possui características semelhantes à quarentena descrita por Foucault. Na Itália, por exemplo, foi instituído no mês de março de 2020, uma quarentena de aproximadamente um mês em toda a região da Lombardia. Ainda segundo a

matéria no site do G1¹⁰: “As autoridades afirmaram que será preciso dar uma permissão específica para sair das áreas em isolamento para emergências familiares ou de trabalho. A polícia vai parar os viajantes para verificar se eles têm motivo para atravessar os bloqueios.” (BEM ESTAR, 2020).

Finalmente, a medicina urbana observa, principalmente, os lugares de acúmulo e amontoamento no espaço urbano, que podem provocar várias doenças. Além disso, seu objeto se trata do controle da circulação, sobretudo da água e do ar. Por fim, essa medicina também tem como objeto a organização da distribuição das fontes de águas e dos esgotos. Dessa maneira, a partir da observação e do controle desses objetos, surge o primeiro plano hidrográfico de Paris. (FOUCAULT, 2019).

Em seguida, temos a terceira e última etapa de formação da medicina social: a medicina da força de trabalho ou medicina “dos pobres”, que aparece na Inglaterra. Foucault aponta que os trabalhadores e os pobres foram os últimos objetos da medicalização, ou seja, até o fim do século XVII não havia preocupação com a saúde do pobre. Essa preocupação passa a existir apenas no século XIX e foi suscitada por alguns motivos, entre eles: a população se tornou uma força capaz de se revoltar; houve o aparecimento de revoltas com o surgimento de um sistema postal e um sistema de carregadores; e por fim, a cólera cristalizou-se em torno da população trabalhadora, fazendo emergir uma série de medos políticos e sanitários. (FOUCAULT, 2019).

Com isso, houve a divisão do espaço urbano entre ricos e pobres. “É essencialmente na Lei dos Pobres que a medicina inglesa começa a tornar-se social, à medida que o conjunto dessa legislação comportava um controle médico do pobre.” (FOUCAULT, 2019, p. 166). É assim que:

Um cordão sanitário autoritário é estendido no interior das cidades entre ricos e pobres: os pobres encontrando a possibilidade de se tratarem gratuitamente ou sem grande despesa e os ricos garantindo não serem vítimas de fenômenos epidêmicos originários da classe pobre. (FOUCAULT, 2019, p. 169).

Dessa forma, foi criado um serviço de controle médico chamado *Health Service*¹¹, que era responsável pela intervenção nos locais insalubres, além da verificação de vacina e registro de doenças. Esse controle médico feito pelo que seriam os “agentes comunitários de

¹⁰ Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/noticia/2020/03/07/italia-deve-decretar-quarentena-em-toda-a-regiao-da-lombardia.ghtml>. Acesso em: 23 out. 2021.

¹¹ Serviço de saúde (tradução nossa).

saúde”¹² dessa época, suscitou uma série de revoltas por parte da população. Em resumo, “a medicina dos pobres” é “(...) uma medicina que é essencialmente um controle da saúde do corpo das classes mais pobres para torná-las mais aptas ao trabalho e menos perigosas às classes mais ricas.” (FOUCAULT, 2019, p. 169).

Este breve percurso histórico nos mostra que a medicina é uma prática biopolítica e seu processo de formação, bem como seu funcionamento são atravessados pela *disciplina*. Para explicar o funcionamento do poder disciplinar Foucault analisa as medidas que foram tomadas no século XVII para controlar a peste:

Em primeiro lugar, um policiamento espacial estrito: fechamento, claro, da cidade e da ‘terra’, proibição de sair sob pena de morte, fim de todos os animais errantes; divisão da cidade em quarteirões diversos onde se estabelece o poder de um intendente. (FOUCAULT, 2014, p. 190).

Nessa perspectiva, essas medidas adotadas para controlar a peste se assemelham em muitos aspectos com as medidas de enfrentamento adotadas por alguns países para conter o avanço da pandemia de Covid-19. Assim, o fechamento da cidade, naquela época, é denominado nos dias atuais como *lockdown*, que é um “bloqueio total de uma região, imposto pelo Estado ou pela Justiça. É a medida mais rígida adotada durante situações extremas, como uma pandemia.” (TEXEIRA, 2020). Dessa maneira, além de ser uma medida sanitária, o lockdown pode ser considerado também uma medida disciplinar, afinal

Esse espaço fechado, recortado, vigiado em todos os seus pontos, onde os indivíduos estão inseridos num lugar fixo, onde os menores movimentos são controlados, onde todos os acontecimentos são registrados, onde um trabalho ininterrupto de escrita liga o centro a periferia, onde o poder é exercido sem divisão, segundo uma figura hierárquica contínua, onde cada indivíduo é constantemente localizado, examinado e distribuído, entre os vivos, os doentes e os mortos – isso tudo constitui um modelo compacto de dispositivo disciplinar.” (FOUCAULT, 2014, p. 192).

Sob essa perspectiva, percebe-se a importância da vigilância no exercício da disciplina, e consequentemente, no funcionamento da biopolítica. Essa vigilância é fator central no chamado Panóptico de Bentham, um dispositivo disciplinar sob o qual Foucault se dedica a estudar ao discutir acerca do surgimento das prisões.

¹² Oficialmente implantado pelo Ministério da Saúde no Brasil, em 1991, o então Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS) teve início no fim da década de 80 como uma iniciativa de algumas áreas do Nordeste (e outros lugares, como o Distrito Federal e São Paulo) em buscar alternativas para melhorar as condições de saúde de suas comunidades. Disponível em: <https://aps.saude.gov.br/ape/esf/esf/composicao>. Acesso em: 25 out. 2021.

Dispositivo importante, pois automatiza e desindividualiza o poder. Este tem seu princípio não tanto numa pessoa quanto numa certa distribuição concertada dos corpos, das superfícies, das luzes, dos olhares; numa aparelhagem cujos mecanismos internos produzem a relação na qual se encontram presos os indivíduos. (FOUCAULT, 2014, p. 196).

Dessa maneira, o panóptico não funciona apenas na estrutura das prisões, mas atravessa toda a microfísica do poder, sendo um dos responsáveis pela eficácia das medidas sanitárias impostas tanto no período da peste, quanto no contexto pandêmico atual. Enfim, esse poder disciplinar é a base de sustentação da biopolítica e seus mecanismos de poder.

Tendo isso em mente, no próximo capítulo observaremos como se deu o processo de discursivização da verdade acerca da pandemia de Covid-19 no Brasil, tanto em relação ao impacto do vírus na sociedade, como o número de mortos e as sequelas deixadas pela doença, quanto ao processo de imunização das vacinas criadas para combater o coronavírus, e, por fim, a contribuição da ciência nessa verdadeira “guerra”, como denomina o professor dr. Nicolelis ao falar sobre a pandemia em seu podcast intitulado *Diário do Front*¹³.

¹³ Diário do Front, 1º episódio: “Estamos a poucas semanas de um ponto de não retorno na crise da covid-19.” Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=X1_twJ8SIf0&list=PLt8X0nbziGpjYK-F53MnW2hCpGqrwsX_s. Acesso em: 27 out. 2021.

2 – A PANDEMIA DE COVID-19 E A NOVA REALIDADE SOCIAL

2.1 E o vírus chega ao Brasil

Inicialmente, precisamos pontuar que a grande maioria das informações apresentadas neste tópico foram retiradas dos veículos de mídia pertencentes ao *Consórcio de Veículos de Imprensa*, grupo criado no dia 8 de julho de 2020, em resposta à decisão do presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, que resolveu restringir o acesso a dados referentes à pandemia, tanto o número de infectados quanto o número de mortos. Esse grupo conta com a participação do G1, O Globo, Extra, O Estado de São Paulo, Folha de São Paulo e UOL. Os dados recolhidos pelo Consórcio são coletados nas Secretarias de Saúde dos respectivos estados do país.

Assim, as equipes pertencentes a esses veículos de comunicação possuem a tarefa de “(...) compartilhar as informações obtidas para que os brasileiros pudessem saber a evolução e o total de óbitos provocados pela Covid-19, além dos números consolidados de casos testados e com resultado positivo para o novo coronavírus.” (G1, 2020). Dessa forma, é feito um balanço diário desses dados, que são divulgados por esses veículos todos os dias às 20 horas.

O primeiro caso de Covid-19 no Brasil foi confirmado pelo Ministério da Saúde no dia 26 de fevereiro de 2020, e se tratava de um homem de 61 anos que havia viajado para a Itália, mais especificamente à Lombardia, região mais afetada pelo coronavírus no país, na época. O homem deu entrada no hospital Albert Einstein em São Paulo, onde fez o teste e teve seu resultado positivo para Covid-19. Ao mesmo tempo, em todo o mundo, o novo vírus já havia matado 2.708 pessoas e infectado mais de 80 mil¹⁴.

Quanto à primeira vítima fatal do Covid-19, o Ministério da Saúde chegou a notificar que a primeira morte por coronavírus no Brasil teria ocorrido no dia 15 de março de 2020, entretanto, a pasta retificou essa informação e comunicou que a primeira morte ocorreu no dia 12 de março de 2021. A vítima foi uma mulher de 57 anos, moradora do bairro de Tatuapé, em São Paulo¹⁵.

¹⁴ Informações retiradas do site UOL, que pertence ao consórcio de veículos de mídia. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/02/26/ministerio-da-saude-coronavirus-brasil-primeiro-caso-contraprova.htm>. Acesso em: 27 out. 2021.

¹⁵ Informações retiradas do site UOL, que pertence ao consórcio de veículos de mídia. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/06/27/primeira-morte-pelo-coronavirus-aconteceu-em-12-de-marco-diz-ministerio.htm>. Acesso em: 27 out. 2021.

Em paralelo a este cenário, o governo federal já havia tomado algumas medidas para conter o avanço da pandemia de coronavírus. Assim, no dia 4 de fevereiro, o governo decretou estado de emergência sanitária, e enviou para o Congresso um projeto de lei destacando medidas de combate ao Covid-19. Ainda segundo matéria do G1¹⁶ (2020):

(...) essa medida vai diminuir a burocracia para enfrentar o problema que o governo classifica como “complexo” e que demanda um esforço conjunto de todo o SUS. A portaria permite à Secretaria de Vigilância em Saúde contratação temporária de profissionais de saúde, aquisição de bens e contratação de serviços.

Somando a isso, também foi enviado ao Congresso um projeto de lei referente à medidas sanitárias que visam:

Isolamento, separação de pessoas doentes ou contaminadas; quarentena, restrição de atividades ou separação de pessoas suspeitas de contaminação das que não estejam doentes; realização compulsória de exames médicos e vacinação; restrição, enquanto durar a medida, de entrada e saída do país. (G1, 2020).

E, apesar de todas essas medidas do governo brasileiro, o país acumula, desde o dia 12 de março de 2020 até hoje, 8 de novembro de 2021, o assustador número de 609.602¹⁷ vítimas do coronavírus.

Este cenário de desespero é o resultado das grandes instabilidades políticas, envolvendo, sobretudo, as lideranças do Ministério da Saúde. Isso porque a pasta sofreu quatro mudanças de ministro em pouco mais de um ano de pandemia¹⁸. Assim sendo, antes do atual ministro da pasta, o médico Marcelo Queiroga, houve mais três ministros da saúde: Luiz Henrique Mandetta (DEM-MS), o médico Nelson Teich, e o general do Exército Brasileiro Eduardo Pazuello.

Durante esse um ano e meio de pandemia, o SARS-CoV-2 (coronavírus) desenvolveu diversas variantes ao redor do mundo, que se tornaram uma preocupação central dos cientistas e órgãos de saúde, como a Organização Mundial da Saúde – OMS. Dentre essas

¹⁶ Informações retiradas do site G1, que pertence ao consórcio de veículos de mídia. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/02/04/brasil-decreta-emergencia-sanitaria-por-cao-da-novo-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 27 out. 2021.

¹⁷ Informações retiradas do site G1, que pertence ao consórcio de veículos de mídia. Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2021/11/08/brasil-mantem-queda-expressiva-na-media-de-mortes-por-covid-ha-uma-semana-com-235-vitimas-por-dia.ghtml>. Acesso em: 08 nov. 2021.

¹⁸ Informações retiradas do site G1, que pertence ao consórcio de veículos de mídia. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/03/23/bolsonaro-da-posse-a-marcelo-queiroga-como-ministro-da-saude.ghtml>. Acesso em: 27 out. 2021.

variantes, temos as quatro principais, que são: Alfa (encontrada primeiro no Reino Unido), Beta (África do Sul), Gama (Brasil) e Delta (Índia)¹⁹.

Apesar dessas variantes terem sido encontradas, de maneira inicial, apenas nesses países, elas expandiram seu espaço territorial. Por exemplo, a variante Delta, a que mais preocupa atualmente os cientistas e a OMS, já foi identificada em 44 países²⁰. Ainda em estudo recente²¹, realizado pela prefeitura de São Paulo em parceria com o Instituto Butantan, foi descoberto

(...) que a variante delta do coronavírus está presente em pelo menos 69,7% das amostras identificadas na capital paulista. A pesquisa, no entanto, aponta que a curva de crescimento ainda não representa impacto significativo sobre a rede pública local. (UOL, 2021).

Assim sendo, os casos de variante delta no Brasil ainda são pouco expressivos, se comparado a outros países, entretanto, as autoridades de saúde continuam em alerta, sobretudo porque ela se tornou a variante predominante no estado do Amazonas, que segundo pesquisa do Instituto Leônidas Maria Deane – Fundação Oswaldo Cruz (Fio Cruz Amazônia), 89% dos casos de Covid-19 do estado são da variante delta²². Já no Brasil, considerando os demais estados, a variante predominante ainda é a gama, também conhecida como P1, de origem brasileira²³.

Por fim, apesar de todo esse cenário caótico histórico, tanto na conjuntura política quanto na sanitária, em 17 de janeiro de 2021²⁴, o Brasil iniciou a vacinação contra o coronavírus – entendida aqui como uma biopolítica. Foi, sem dúvidas, um momento de grande esperança para a população brasileira, e é sobre esse assunto que trataremos no tópico

¹⁹ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-57695556>. Acesso em: 27 out. 2021.

²⁰ Informações retiradas do site UOL, que pertence ao consórcio de veículos de mídia. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/bbc/2021/10/22/por-que-variante-delta-plus-do-coronavirus-preocupa-a-europa-e-os-eua.htm>. Acesso em: 28 out. 2021.

²¹ Informações retiradas do site UOL, que pertence ao consórcio de veículos de mídia. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/09/02/estudo-revela-predominancia-de-variante-delta-em-sao-paulo.htm>. Acesso em: 28 out. 2021.

²² Informações retiradas do site G1, que pertence ao consórcio de veículos de mídia. Disponível em: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2021/10/27/variante-delta-da-covid-19-se-torna-predominante-no-amazonas-aponta-fiocruz.ghtml>. Acesso em: 28 out. 2021.

²³ Informações retiradas do site G1, que pertence ao consórcio de veículos de mídia. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/08/17/delta-avanca-no-brasil-mas-gama-continua-sendo-a-variante-predominante-veja-o-que-se-sabe.ghtml>. Acesso em: 28 out. 2021.

²⁴ Informações retiradas do site G1, que pertence ao consórcio de veículos de mídia. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/vacina/noticia/2021/01/21/5-estados-e-o-df-vacinaram-109-mil-contracovid-aponta-consorcio-de-veiculos-de-imprensa-dema-is-estados-nao-divulgaram-numeros.ghtml>. Acesso em: 28 out. 2021.

seguinte, além do impacto positivo que essas vacinas causaram, e a importância da ciência para vencer essa guerra em que o inimigo é invisível.

2.2 O processo de imunização e contribuição do saber científico

Como foi dito no tópico anterior, o Brasil iniciou sua vacinação contra o coronavírus no dia 17 de janeiro de 2021, após a aplicação da Coronavac ser aprovada pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária - Anvisa, que liberou o imunizante para uso emergencial. Assim, a primeira pessoa a ser vacinada contra o Covid-19 foi a enfermeira Mônica Calazans, de 54 anos, que reside na cidade de São Paulo²⁵: “Falo com segurança e propriedade, não tenham medo”. Foi o que ela afirmou após a vacinação.

Figura 2 – Primeira pessoa a ser vacinada contra o coronavírus no Brasil.



Fonte: Matéria do G1, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/01/17/apos-aprovacao-da-anvisa-governo-de-sp-aplica-1a-dose-da-coronavac-antes-do-inicio-do-plano-nacional-de-vacinacao.ghtml>. Acesso em: 31 out. 2021.

A Coronavac, foi desenvolvida pela farmacêutica chinesa Sinovac, em parceria com o Instituto Butantan. Segundo o Butantan²⁶, a tecnologia da Coronavac é a tecnologia do vírus inativo e funciona da seguinte maneira: “(...) o vírus é cultivado e multiplicado numa cultura de células e depois inativado por meio de calor ou produto químico. Ou seja, o corpo que recebe a vacina com o vírus – já inativado – começa a gerar os anticorpos necessários no combate da doença.” (BUTANTAN, 2021).

Além de pontuar o funcionamento da Coronavac é importante pontuar também que

²⁵ Informações retiradas do site G1, que pertence ao consórcio de veículos de mídia. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/01/17/apos-aprovacao-da-anvisa-governo-de-sp-aplica-1a-dose-da-coronavac-antes-do-inicio-do-plano-nacional-de-vacinacao.ghtml>. Acesso em: 28 out. 2021.

²⁶ Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/coronavac-tudo-que-voce-sempre-quis-saber-e-nao-tinha-para-quem-perguntar>. Acesso em: 01 nov. 2021.

Os resultados do estudo da fase 3 mostraram que nos casos graves e moderados a eficácia é de 100%. Para os casos leves, 78% e, nos muito leves, 50,38%. Isso significa que temos 50,38% menos chances de contrair a doença. Se contrairmos, há 78% de chance de não precisarmos de qualquer atendimento médico e 100% de certeza de que a enfermidade não vai se agravar. (BUTANTAN, 2021).

Esses e outros dados foram responsáveis pela liberação da Coronavac pela Anvisa. Além dessa vacina em circulação no Brasil, temos também a AstraZeneca, Pfizer e Janssen, todas autorizadas pela Anvisa. Assim como a Coronavac, cada imunizante possui uma tecnologia e um funcionamento específico.

A AstraZeneca foi desenvolvida pelos pesquisadores da Universidade de Oxford, juntamente com o laboratório britânico AstraZeneca. Segundo matéria do site Uol (2021)²⁷: “É uma vacina “de vetor viral”: tem como base outro vírus (um adenovírus de chimpanzé) que foi debilitado e geneticamente modificado para impedir que o coronavírus se reproduza no organismo humano”.

Dessa forma, ela é conhecida também como “Cavalo de Troia”, já que “(...) ela introduz o material genético nas células, ordenando-as a atacar o SARS-CoV-2.” (UOL, 2021). Ainda segundo o site da Uol, “(...) o produto tem uma eficácia média de 70% (contra mais de 90% para Pfizer/BioNTech e Moderna), resultado validado pela revista científica The Lancet.” (UOL, 2021).

Em sequência, temos a Pfizer, que “(...) usa a tecnologia chamada de mRNA ou RNA-mensageiro, que usa a engenharia genética para fazer a replicação de sequências de RNA para fabricar o imunizante.”²⁸ (UOL, 2021). Após a terceira fase de testes do imunizante, foi comprovada que sua eficácia é de 95%. Além disso,

Em outra análise, publicado na revista científica New England Journal of Medicine, o imunizante também foi capaz de neutralizar uma variante P.1, identificada pela primeira vez em Manaus e considerada altamente contagiosa. Atualmente, a cepa é uma das mais prevalentes em todo o território nacional. (UOL, 2021).

Dando continuidade, por último temos a Jassen²⁹, que

²⁷ Informações retiradas do site UOL, que pertence ao consórcio de veículos de mídia. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/afp/2021/04/03/cinco-coisas-para-saber-sobre-vacina-da-astrazenecaoxford.htm>. Acesso em: 01 nov. 2021.

²⁸ Informações retiradas do site UOL, que pertence ao consórcio de veículos de mídia. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2021/05/17/coisas-para-saber-sobre-a-vacina-da-pfizer.htm>. Acesso em: 01 nov. 2021.

²⁹ Informações retiradas do site UOL, que pertence ao consórcio de veículos de mídia. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2021/06/14/coisas-para-saber-sobre-a-vacina-da-janssen.htm>. Acesso em: 01 nov. 2021.

(...) é baseada na tecnologia do vetor viral não replicante, semelhante à utilizada na vacina de Oxford/AstraZeneca. Ela usa um adenovírus (tipo de vírus que causa resfriado comum) que, modificados geneticamente, não se replicam e não causam resfriado. (UOL, 2021).

A Jassen é a primeira e única vacina de dose única autorizada pela OMS, que afirmou: "isso deve facilitar a logística de vacinação em todos os países". (UOL, 2021). Quanto à sua eficácia, “Em janeiro deste ano, a Janssen anunciou que a eficácia global (casos leves a moderados) da vacina é de 66% — menor do que as taxas globais das vacinas de Oxford (70%) e Pfizer (acima de 95%) e maior do que a Coronavac (50,38%).” (UOL, 2021).

Considerando estas práticas biopolíticas, apresentamos a seguir um mapa³⁰ da evolução da vacinação contra o coronavírus no Brasil, que foi retirado do site do G1³¹ (2021), e relata os números do primeiro dia de vacinação até o dia de hoje³².

Figura 3 – Mapa da evolução da vacinação contra o coronavírus no Brasil.



Fonte: Site do G1, 2021. Disponível em: <https://especiais.g1.globo.com/bemestar/vacina/2021/mapa-brasil-vacina-covid/>. Acesso em: 08 nov. 2021.

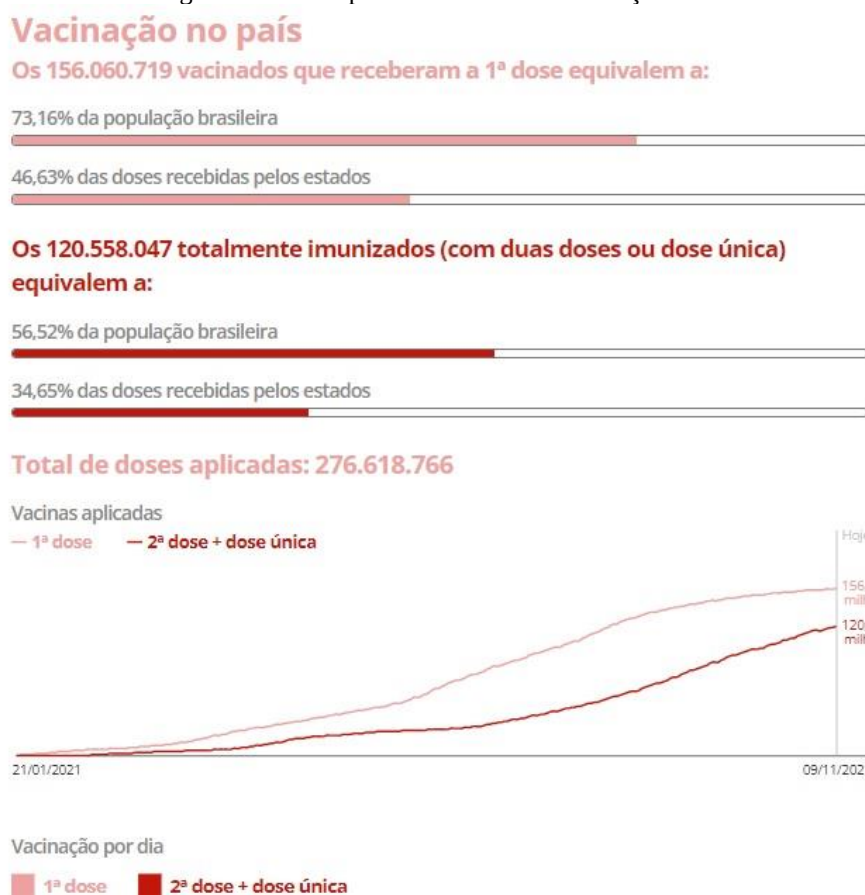
³⁰ Informações retiradas do site G1, que pertence ao consórcio de veículos de mídia. Disponível em: https://especiais.g1.globo.com/bemestar/vacina/2021/mapa-brasil-vacina-covid/?_ga=2.171478564.582482101.1635716825-bb687278-b869-0678-7ec0-15d7e6e12366. Acesso em: 08 nov. 2021.

³¹ Dentre as outras mídias do Consórcio de Veículos de Imprensa, o G1 foi o veículo de mídia mais utilizado como fonte de dados neste trabalho, pois é um site bastante conhecido, acessível e organizado de maneira didática.

³² Data: 08 nov. 2021.

A partir desse mapa observamos que mais de 156 milhões de brasileiros receberam ao menos uma dose da vacina contra o Covid-19. Além disso, mais de 120 milhões foram totalmente imunizados, e o total de doses aplicadas foi superior à 276 milhões. Somado a isso, o site também traz esses dados em números percentuais, comparando-os com o número total de pessoas existentes na população brasileira, como mostrado a seguir:

Figura 4 – Dados percentuais sobre a vacinação no Brasil.



Fonte: Site do G1, 2021. Disponível em: <https://especiais.g1.globo.com/bemestar/vacina/2021/mapa-brasil-vacina-covid/>. Acesso em: 08 nov. 2021.

Considerando todos esses dados, percebe-se que com o processo de vacinação iniciado há 10 meses, o país apresenta pouco mais da metade da população totalmente vacinada (com as duas doses ou dose única). Neste sentido, torna-se difícil não se perguntar se esses números mostraram efeitos significativos no que tange o número de contaminações e de mortes por coronavírus atualmente.

Com esse questionamento em mente, apresentamos dados referentes ao número de brasileiros contaminados e mortos pelo SARS-CoV-2 no dia 31 de outubro de 2020, em comparação ao dia 31 de outubro de 2021, a fim de perceber, a grosso modo, a eficácia da

vacinação. Isso porque, é preciso considerar que na distância entre esses dois momentos históricos, há vários pormenores que os distinguem, como por exemplo, a diferença nas medidas sanitárias impostas nesses dois períodos, o surgimento de novas variantes do coronavírus, etc.

Isto posto, segundo dados coletados pelo Consórcio de Veículos de Imprensa, no último dia do mês outubro de 2020³³, o Brasil teve um total de 529 mortes, e 15.203 casos confirmados apenas nesse dia. Ainda nesse período, o país chegava a quase 160 mil mortes causadas pelo coronavírus. Já no último dia de outubro de 2021³⁴, o país registrou apenas 96 mortes por Covid-19, seguido de 6.853 casos confirmados. Mesmo considerando a existência de subnotificação, tais dados são bastante positivos, mas apenas eles não comprovam totalmente a eficácia da vacinação.

Por isso, apresentamos também dados referentes ao mês de outubro, que comprovam sua eficácia a partir da queda na média móvel de mortes por coronavírus no país. Sendo assim, segundo matéria do G1 (2021): “a média móvel de mortes nos últimos 7 dias ficou em 351 -- abaixo da marca de 400 pelo 8º dia seguido. Em comparação à média de 14 dias atrás, a variação foi de -24% e aponta queda pelo décimo dia seguido”.

Ou seja, a partir destas recorrentes quedas, pelo décimo dia seguido, percebe-se que a vacinação tem surtido efeitos bastante positivos, ao ponto de muitos estados reduzirem as medidas sanitárias impostas para combater a proliferação do vírus.

A partir desse breve apanhado, percebe-se a importância do saber científico como política de Estado, um instrumento de manutenção da biopolítica. Este é o exemplo dos efeitos produtivos do poder, do qual Foucault (2019) fala incansavelmente. Esse poder que produz saber e vice-versa, que produz discurso, e auxilia na manutenção da vida humana. Um poder que atua de maneira sutil, nas entrelinhas, mas que causa efeitos de poder massivos. Sobre isso, Foucault (2005, p. 297) afirma que esse é um dos mecanismos do biopoder, conhecido como tecnologia regulamentadora da vida, que: “É centrada não no corpo, mas na vida; uma tecnologia que agrupa os efeitos de massas próprios de uma

³³ Informações retiradas do site G1, que pertence ao consórcio de veículos de mídia. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/10/31/casos-e-mortes-por-coronavirus-no-brasil-em-31-de-outubro-segundo-consorcio-de-veiculos-de-imprensa.ghtml>. Acesso em: 01 nov. 2021.

³⁴ Informações retiradas do site G1, que pertence ao consórcio de veículos de mídia. Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2021/10/31/brasil-registra-mais-96-mortes-por-covid-media-movel-e-a-mais-baixa-desde-abril-de-2020.ghtml>. Acesso em: 01 nov. 2021.

população, que procura controlar uma série de eventos fortuitos que podem ocorrer numa massa viva”.

Por fim, todos esses aspectos discutidos neste tópico, a saber: dados científicos apresentados sobre o funcionamento das vacinas contra o Covid-19 no país, além dos números que comprovam a eficácia de cada uma; dados que relatam o número de mortos e infectados pelo SARS-CoV-2, informações acerca do processo de vacinação no país, e por fim, dados que comprovam a eficácia das vacinas contra o coronavírus, constituem engrenagens que fazem funcionar a máquina do biopoder. Aspectos que estão presentes no nosso corpus, os sites do Instituto Butantan e do Projeto Mandacaru, através da Rede Nacional de Combate à Desinformação, que será analisado no tópico seguinte.

3 – O VÍRUS DAS FAKE NEWS: HÁ CURA?

O termo ‘fake news’ ganhou espaço durante as eleições estadunidenses no ano de 2016, que teve Donald Trump como presidente eleito. Segundo Vieira (2019), nesse período a busca pelo termo na ferramenta de pesquisa do *Google* teve um salto bastante expressivo devido ao contexto político-eleitoral da época. Assim, ao recolher informações sobre o número de citações do termo feitas apenas no *Twitter*, Vieira (2019, p.3) aponta que:

The New York Times passou de duas citações em 2015 para 42 referências em 2016. Washington Post também passou de duas vezes em 2015 para 53 em 2016. E até 2015, a CNN não havia feito citações, mas fez 42 tweets em 2016. Essas referências começaram a partir das eleições e o contexto do uso da expressão fake news esteve marcadamente sob o guarda-chuva político.

Dessa forma, não se sabe ao certo quando surgiu o termo fake news, mas fica evidente que as condições de possibilidade desse momento histórico – as eleições presidenciais estadunidenses em 2016 – o fizeram emergir. Nessa perspectiva, Serra (2019, p. 10) faz a seguinte afirmação: “Podemos determinar então que fake news são notícias intencionalmente e verificadamente falsas que poderiam enganar os leitores. (SERRA apud. ALLCOTT, 2017).

Assim, apesar do termo fake news ter emergido “primeiro” nos Estados Unidos, essa conjuntura marcada pela desinformação não ocorreu exclusivamente nesse país, pois as fake news passaram a ser utilizadas como ferramentas políticas em outros países marcados pela ascensão da extrema direita ao poder. (SARGENTINI e CARVALHO, 2021).

No Brasil, o jornal Folha de São Paulo publicou uma matéria³⁵ que expõe que empresas a favor do presidente Jair Bolsonaro, na época candidato a presidência, compraram um serviço de “disparo em massa”, que foi responsável por divulgar inúmeras fake news para milhares de pessoas por meio do aplicativo *Whatsapp*. Essas fake news se tratavam de mensagens contra o principal rival de Bolsonaro nas eleições, o candidato Fernando Haddad, e seu partido político, o PT.

Dando continuidade, sabe-se que não há nenhuma novidade em utilizar, como estratégia, a propagação de notícias falsas a fim de manchar a imagem de pessoas, por exemplo, ou ainda, para acabar com a reputação de alguma marca famosa. No entanto, há

³⁵ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam-campanha-contra-o-pt-pelo-whatsapp.shtml>. Acesso em: 02 dez. 2021.

certa novidade na maneira como funciona esse recente fenômeno das fake news, e é sobre isso que discutiremos neste tópico.

Primeiramente, esse fenômeno conta com vários elementos cruciais para seu funcionamento, por isso, citaremos ao menos dois desses elementos, e o primeiro deles é a chamada ‘pós-verdade’. Para D’Ancona (2018 p. 19), “2016 foi o ano que lançou a era da “pós-verdade” de forma definitiva.” Ou seja, o mesmo momento histórico em que o termo “fake news” ganha certa amplitude diante da sociedade. Portanto, não há como negar a estreita relação entre eles, de tal forma que talvez um não exista sem o outro, e vice-versa. Nesse sentido,

(...) o Oxford Dictionaries escolheu “pós-verdade como sua palavra do ano, definindo-a como forma abreviada para “circunstâncias em que os fatos objetivos são menos influentes em formar a opinião pública do que os apelos à emoção e à crença pessoal. (D’ANCONA, 2018, p. 20).

Ou seja, “A racionalidade está ameaçada pela emoção.” (D’ ANCONA, 2018, p. 19). É importante pontuar que pós-verdade não é a mesma coisa que mentira, isso porque, ela se relaciona muito mais com a maneira que o público reage às fakes news às quais são expostos. Assim, “(...) tudo o que resta é escolher, entre as versões e narrativas, aquela que lhe traz segurança emocional.” (D’ANCONA, 2018, p. 20).

Após a ascensão da pós-verdade, há uma intensa perseguição às instituições, sobretudo, a mídia, a ciência e a justiça. Isso não é coincidência, afinal, todas são responsáveis por legitimar uma informação, um fato, ou um discurso. Com essa perseguição insistente, essas instituições passam a ser desacreditadas, e há um “desmoronamento do valor da verdade”. (D’ANCONA, 2018). Além disso, “(...) esse colapso da confiança é a base social da era da pós-verdade: todo o resto flui dessa fonte única e deletéria.” (D’ ANCONA, 2018, p. 42).

Dando continuidade, o segundo elemento importante para o fenômeno das fake news são os denominados ‘algoritmos’. Segundo Da Empoli (2020, p. 144), com a ascensão da era digital, “(...) os comportamentos humanos começaram a produzir um fluxo maciço de dados.” Assim, nossos hábitos e preferências passaram a ser mensuráveis graças à internet e às redes sociais. Nesse sentido, os algoritmos são os responsáveis por manusear esses dados, fazendo algumas informações alcançarem certas pessoas e não outras.

Nessa perspectiva, Da Empoli (2020 p. 152) denomina de “engenheiros do caos”, os detentores e manipuladores (no sentido de manusear) desses dados, e argumenta: “Hoje, o trabalho dos físicos estatísticos permite enviar uma mensagem personalizada a cada leitor

com base nas características individuais.” A partir dessa afirmação, o autor levanta algumas problemáticas, por exemplo, enunciados com os argumentos mais controversos acerca das vacinas contra o coronavírus são enviados àqueles que são menos sensíveis a esse assunto, além daqueles que costumam acessar discursos conspiracionistas.

Quanto aos mais sensíveis a esse tipo de conteúdo, eles sequer os acessam. Em resumo, é dessa maneira que funcionam os algoritmos, sobretudo nas redes sociais. Sobre isso, D’ Ancona (2018, p. 53) reforça:

A mídia social e os mecanismos de busca, com seus algoritmos e hashtags, tendem a nos dirigir para o conteúdo de que vamos gostar e para as pessoas que concordam conosco (...) A consequência é que as opiniões tendem a ser reforçadas, e as mentiras, incontestadas. Definhamos no assim chamado “filho bolha”.

Assim, torna-se impossível contestar uma notícia falsa se ela nem mesmo chega a “todos”. Somado a isso, segundo estudo do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT): “(...) nas redes sociais a verdade consome seis vezes mais tempo que uma fake news para atingir 1.500 pessoas.” (Da Empoli, 2020, p. 78).

De forma mais detalhada, ao somar-se os algoritmos, o fenômeno da pós-verdade e as fakes news, tem-se um “combo” catastrófico, capaz de impactar seriamente a vida de uma população. Da Empoli (2020, p.56) resume muito bem como esse combo funciona em todo e qualquer enunciado potencialmente falso compartilhado nas redes sociais: “De início, antecipa-se a emoção, em geral negativa, que se quer suscitar. Depois, divulgada a informação, às vezes verdadeira, mas muito frequentemente falsa, convida-se à participação: Compartilhe!”

Vemos assim, que não é difícil entender o porquê é tão árduo combater essa pandemia de fake news que assola a nossa sociedade, afinal, os mecanismos por trás desse fenômeno são bastante complexos. Esse fato é ainda mais preocupante se levarmos em conta que as fake news passaram a ser utilizadas como ferramenta política, com o objetivo de ganhar eleições.

Um exemplo foi o escândalo ocorrido em 2018 envolvendo a empresa Cambridge Analytica, responsável por assessorar a campanha digital do ex-presidente dos Estados Unidos, Donald Trump. Utilizando o Facebook, a empresa coletou informações privadas de 87 milhões de usuários, sem que eles soubessem³⁶. Depois disso, “(...) utilizou estes dados

³⁶ Informações retiradas do site G1, que pertence ao consórcio de veículos de mídia. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2019/01/09/cambridge-analytica-se-declara-culpada-por-uso-de-dados-do-facebook.ghtml>. Acesso em: 03 nov. 2021.

para mandar aos usuários publicidade política especialmente adaptada e elaborar informes detalhados para ajudar Trump a ganhar a eleição contra a candidata democrata Hillary Clinton.” (G1, 2018).

Além de serem utilizadas dessa maneira, as fake news têm sido amplamente utilizadas como ferramenta para desacreditar na ciência, tanto no que diz respeito à gravidade da pandemia quanto à eficácia das vacinas contra o Covid-19 – como veremos no corpus de análise deste trabalho. Por fim, não podemos afirmar, com certeza, se há cura para o vírus das fake news. Entretanto, sabemos que há possíveis “antídotos” que podem combater esse vírus e quem sabe, enfim, destruí-lo. E é sobre esses antídotos discursivos que falaremos nos tópicos seguintes.

3.1 – A seção “Butantan Tira Dúvida”: o saber-poder do Instituto Butantan

O Instituto Butantan³⁷ é um centro de pesquisa pertencente ao governo do Estado de São Paulo e fundado por ele, após um surto de peste bubônica. Esse surto ocorreu no ano de 1899, e fez com que a administração pública estadual criasse um laboratório de produção de soro antipestoso. Instalado na Fazenda Butantan, na cidade de São Paulo, o centro de pesquisa foi reconhecido como instituição autônoma apenas em 1901. (BUTANTAN).

O instituto é o principal produtor de imunobiológicos do Brasil, responsável por grande porcentagem da produção de soros hiperimunes e grande volume da produção nacional de antígenos vacinais, que fazem parte das vacinas utilizadas no Plano Nacional de Vacinação - PNI do Ministério da Saúde. (BUTANTAN). Além disso, ele também é nacionalmente conhecido por ser um dos principais produtores de soro antiofídico no Brasil.

O Butantan tem como missão: “Pesquisar, Desenvolver, Fabricar e Fornecer Produtos e Serviços para a Saúde da População.” (BUTANTAN). A partir destas informações fornecidas pelo próprio site, é fácil entender o porquê o instituto se configura como uma das principais vozes da ciência no Brasil, sobretudo diante da pandemia de Covid-19. Afinal, o Butantan é responsável pela fabricação da Coronavac, desenvolvida pela farmacêutica chinesa Sinovac em parceria com o instituto. Esse foi o primeiro imunizante utilizado no início da vacinação no Brasil e continua sendo o principal.

³⁷ Disponível em: <https://butantan.gov.br/institucional/o-instituto>. Acesso em: 02 nov. 2021.

Considerando as informações expostas até o momento, percebe-se que o Instituto Butantan se configura como uma ferramenta biopolítica desde sua estrutura, funcionamento e missão, visto que, objetiva “encompridar” a vida da população, através de suas vacinas, soros, etc. Assim, ele atua como um lugar de verdade, afinal, é uma instituição científica, sendo assim, atravessada pelo saber-poder, e como diz Foucault (2019, p. 51): “(...) a verdade não existe fora do poder ou sem poder.” E por compreender um lugar de verdade, é responsável por legitimar discursos e (in)formar sujeitos.

Dando continuidade, partimos para a análise do site do Instituto Butantan. Para isso, como forma de melhor sistematização, selecionamos para análise a parte superior da página inicial do site, que se apresenta como uma diversidade de tópicos das mais variadas temáticas, sobretudo notícias acerca do cenário científico. Vejamos:

Figura 5 – Página inicial do site do Instituto Butantan.



Fonte: Site do Instituto Butantan. Disponível em: <https://butantan.gov.br/>. Acesso em: 04 nov. 2021.

Como visto na imagem, ao acessarmos a plataforma, nos com as principais notícias que envolvem a pandemia de Coronavírus. Na figura 5, temos, em primeiro plano, a seguinte notícia, publicada no dia 3 de novembro de 2021: “Coronavac é a vacina mais usada do mundo na faixa de três a 17 anos, afirma Dimas Covas³⁸.” De imediato, percebe-se que a notícia está no topo da página inicial, e é a primeira dentre as cinco escolhidas para estar nesse lugar de poder.

³⁸ Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/coronavac-e-a-vacina-mais-aplicada-do-mundo-na-faixa-de-tres-a-17-anos-afirma-dimas-covas#:~:text=%E2%80%9CA%20CoronaVac%20%C3%A9%20a%20vacina,completou%20o%20president e%20do%20Butantan>. Acesso em: 04 nov. 2021.

Nesse sentido, podemos inferir, mediante este processo de discursivização, que, ao escolher o topo da página para compor as principais notícias do site, se produzem diversos efeitos de sentido. Um deles é deixar evidente quais são as informações mais relevantes presentes na plataforma no que diz respeito à pandemia de coronavírus. Não por coincidência, o instituto coloca como primeira notícia justamente o fato da Coronavac – vacina produzida pelo instituto, em parceria com a Sinovac – ser a vacina mais usada no mundo, entre a faixa de 3 a 17 anos.

Dessa forma, o instituto reafirma a qualidade da vacina produzida por eles – afinal ela está sendo utilizada pelo mundo todo – e produz efeitos de verdade que consistem em afirmações como: “a Coronavac é eficaz”, “o Instituto Butantan é confiável”, entre outros sentidos. Além disso, o título da notícia refere-se à fala do diretor do Instituto Butantan, Dimas Covas que vem acompanhada de sua foto. Dessa forma, atribui-se valor de verdade ao enunciado, afinal, o diretor do Butantan se configura como uma figura de autoridade e poder.

Além disso, atrás de Covas há um bandeira do Brasil ao fundo, atribuindo patriotismo e nacionalismo à imagem dele e do Instituto Butantan. Nesse sentido, não podemos esquecer que o Butantan pertence ao governo do estado de São Paulo, que é governado por João Dória, principal rival de Bolsonaro nas preparações para as eleições presidenciais de 2022. Assim, considerando esses efeitos de sentido, percebe-se que a bandeira brasileira ao fundo nesta imagem não é uma mera coincidência, mas faz parte dos jogos de poder e verdade que atravessam o discurso do Instituto Butantan.

Em sequência, ao lado das notícias, que são atualizadas constantemente, temos a seção “Butantan Tira Dúvida”, nossa principal materialidade de análise, apresentada mais nitidamente a seguir:

Figura 6 – Seção “Butantan Tira Dúvida”.

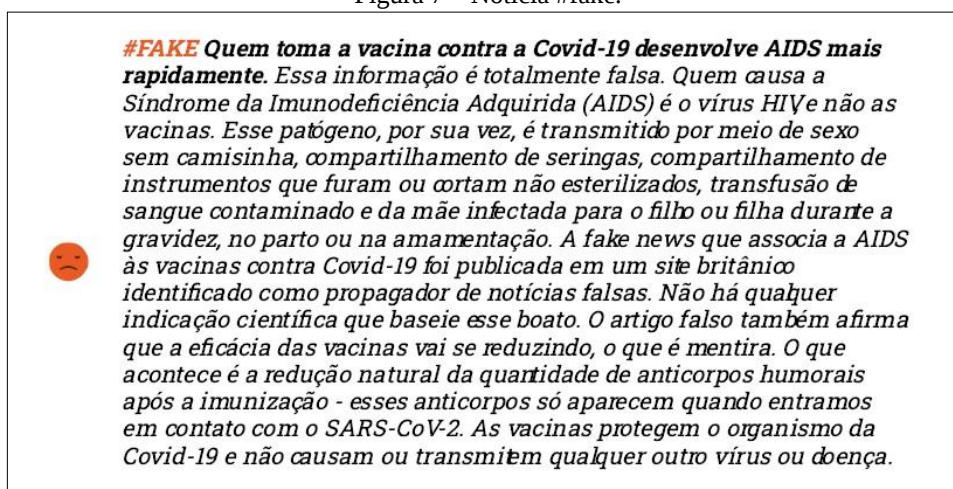


Fonte: Site do Instituto Butantan. Disponível em: <https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida#butantan-tira-duvida>. Acesso em: 04 nov. 2021.

Como é possível ver na imagem anterior, essa seção é constituída por algumas notícias, e cada uma delas possui um “selo” que a identifica como “fato” ou “fake”. Entretanto, na página inicial, as notícias que aparecem em destaque incluem também um enunciado fora desse “padrão”, que está acompanhado por uma barrinha verde.

Para a nossa análise, observaremos apenas os enunciados que possuem os “selos” de “fato” ou “fake”. Assim, trazemos o primeiro deles a seguir:

Figura 7 – Notícia #fake.



Fonte: Site do Instituto Butantan. Disponível em: <https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida>. Acesso em: 04 nov. 2021.

Na figura 7, a notícia apresentada na seção “Butantan Tira Dúvida” é a seguinte: “Quem toma a vacina contra a Covid-19 desenvolve AIDS mais rapidamente”. Como resposta, o Butantan aponta que “essa informação é *totalmente*³⁹ falsa”, utilizando da modalização para desmascarar a fake news, além de elucidar de que maneira o vírus do HIV é transmitido. Além disso, o instituto esclarece de onde partiu essa fake news, porém, não expõe o nome ou coloca o link do site britânico propagador de notícias falsas.

Assim, percebemos que, em primeiro lugar, a seção “Butantan Tira Dúvida” se coloca como porta voz da verdade, apoiando-se no lugar de poder que o instituto ocupa. Desta forma, ao atribuir caráter de falsidade à “notícia”, o Butantan não se utiliza de nenhuma fonte científica em específico, a não ser ele mesmo. Outrossim, ao expor que essa fake news veio de um site britânico conhecido por tal prática, mas não colocar seu link, ou sequer mencionar o nome do site, o instituto evidencia seu compromisso em silenciar qualquer notícia falsa, comprometendo-se com a verdade científica.

Além disso, o instituto faz questão de atribuir, a todo momento, caráter de falsidade ao artigo, e como resposta, acrescenta alguns fatos científicos sobre a redução natural da quantidade de anticorpos. Nos momentos finais destas sequências discursivas, o Butantan reafirma a função da vacina, que é responsável por proteger os indivíduos do vírus e não causar qualquer doença.

É interessante perceber que essa fake news carrega um “selo” constituído por uma hashtag⁴⁰ acompanhada da palavra “fake”. A hashtag também pode ser utilizada definir um assunto sobre o qual ela fala, como nesse caso, em ela define o enunciado como #fake. Além do “selo” verbal presente, atribuindo valor de falsidade ao enunciado, tem-se também um “emoji” que, segundo (BRAGA, 2017) são “(...) símbolos que representam uma ideia, palavra ou frase completa. Esses símbolos têm a aparência de expressões, objetos, animais, tipos de clima etc.” No caso da notícia da figura 7, o emoji utilizado possui uma feição “triste”, promovendo um efeito de negatividade.

Assim, o emoji se configura como um “ícone” e funciona segundo princípio de iconicidade cunhado por Courtine (2019, p. 42), que argumenta que há nela um caráter

³⁹ Ao se utilizar o advérbio de modo “totalmente” para caracterizar o enunciado como falso, o Butantan se utiliza do recurso discursivo denominado de modalização. Dessa forma, segundo Santos e Castanheira (2017), “(...) modalização do discurso vincula-se indubitavelmente à noção de (inter)subjetividade, defendida nos estudos linguísticos, sobretudo, por Benveniste (1976), que investigou pronomes de primeira e segunda pessoa e um paradigma específico de alguns verbos para discutir marcas enunciativas no discurso.”

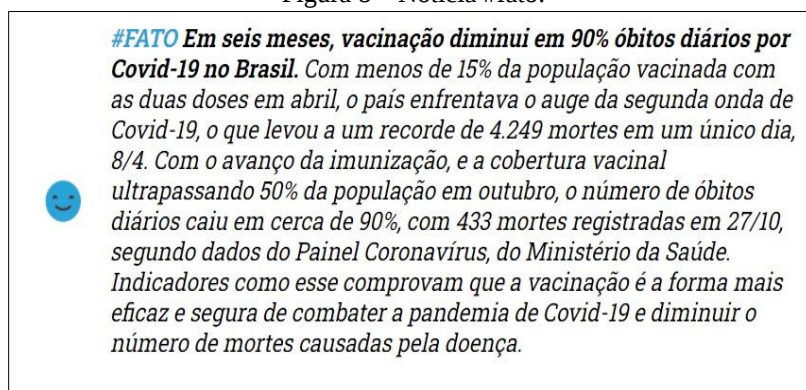
⁴⁰ A hashtag se caracteriza como “um termo associado a assuntos ou discussões que se deseja indexar em redes sociais, inserindo o símbolo da cerquilha (#) antes da palavra, frase ou expressão”. (RESULTADOS DIGITAIS, 2020).

discursivo: “(...) eu pensei que, antes que a um modelo da língua era a um modelo do discurso que urgia referir a imagem.” Ou seja, esse ícone presente ao lado da notícia falsa possui um caráter discursivo que, junto à linguagem verbal – a hashtag acompanhada da palavra fake – produz efeitos de sentido.

Além disso, o ícone possui a cor vermelha, que retoma em nossa memória discursiva efeitos de sentido como “pare”, “perigo” e “raiva” diante de uma fake news. Essa retomada pode ser atribuída ao princípio de intericonicidade, que compreende “a rede de reminiscências pessoais e de memórias coletivas que religam as imagens umas às outras.” (COURTINE, 2013, p. 157).

Em sequência, trazemos a seguir, outro enunciado presente na seção “Butantan Tira Dúvida”:

Figura 8 – Notícia #fato.



Fonte: Site do Instituto Butantan. Disponível em: <https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida>. Acesso em: 05 nov. 2021.

Vejamos os dizeres materializados neste outro momento: “Em seis meses, a vacinação diminui em 90% óbitos diários por Covid-19 no Brasil”. Diferente do primeiro enunciado, este está acompanhado pelo “selo” “#fato”, além de um emoji sorrindo, promovendo um efeito de alegria e positividade. Somado a isso, o emoji possui a cor azul, que em nossa memória discursiva retoma efeitos de confiança, tranquilidade e segurança diante de uma notícia factual.

Para provar a veracidade da notícia, o instituto traz, ainda, dados numéricos referentes ao número de vacinados contra o Covid-19 no Brasil, além do número de mortos por coronavírus antes e após a vacinação. Esses dados funcionam como práticas de verdade, e são resultado da atuação da biopolítica sobre a população brasileira, isto é, o biopoder responsável por “fazer viver”. (FOUCAULT, 2005).

Além desses elementos discursivos que legitimam o enunciado como verdadeiro, o instituto aponta que os dados que compõem o enunciado foram retirados do Painel Coronavírus, pertencente ao Ministério da Saúde, instituição que ocupa um lugar de poder nessa grande microfísica, e serve, neste caso, para validar o discurso do Butantan.

Ao final do enunciado, a voz da ciência – na figura do Instituto Butantan – está também materializada na sequência discursiva: “Indicadores como esse comprovam que a vacinação é a forma mais eficaz e segura de combater a pandemia de Covid-19 e diminuir o número de mortes causadas pela doença.” (BUTANTAN, 2021). Dessa forma, o instituto evidencia, mais uma vez, seu compromisso em defender a ciência e consequentemente, a verdade, que, como afirma Foucault (2019), está centrada na forma do discurso científico.

Nessa perspectiva, ao contrapormos os dois enunciados analisados neste tópico, percebemos claramente os recursos discursivos utilizados para atribuir valor de falsidade a um, e valor de verdade a outro, como os emojis vermelho e azul, acompanhados dos dizeres #fake e #fato, além das escolhas lexicais que foram articuladas para (in)formar. Isso porque, no primeiro momento (ao apresentar a fake news) há um certo tom de censura e reprovação quando diz: “essa informação é totalmente falsa.” Enquanto a segunda postagem, possui um “tom discursivo” de aprovação quando diz: “indicadores como esse comprovam que a vacinação é a forma mais eficaz e segura de combater a pandemia de Covid-19 (...)” (BUTANTAN, 2021).

Ademais, apesar de ser uma plataforma científica, que poderia estar mais voltada para um público específico, vemos que o site possui uma linguagem acessível à internautas leigos que não estão acostumados com “jargões” científicos. E isto facilita a divulgação científica e faz com que esse discurso alcance um número maior de sujeitos.

Mediante tais constatações, percebemos que o “(...) lugar midiático articula-se também com o saber e com o poder.” (2003, p. 113). Por isso, plataformas midiáticas como o Instituto Butantan, e qualquer veículo de mídia, são responsáveis por construir a história do tempo presente. (NAVARRO, 2003). E, a construção dessa história produz efeitos de verdade distintos, que estão sob constante disputa – aquilo que Foucault chama de jogos de verdade.

Sobre jogos de verdade, Assis (2015, p. 103) afirma que “sempre existiu a manutenção da ordem através dos ‘jogos de verdade’, seja por meio da repressão, seja através de métodos mais sutis, como as leis, a justiça (...)”, assim sendo, esses ‘jogos de verdade’ são responsáveis por determinar aquilo que é verdadeiro e aquilo que é falso, numa verdadeira disputa de poderes. Nesse sentido, para entender melhor esse combate ‘em torno

da verdade, apresentamos no próximo tópico o processo de discursivização utilizado pelo Projeto Mandacaru para combater à desinformação.

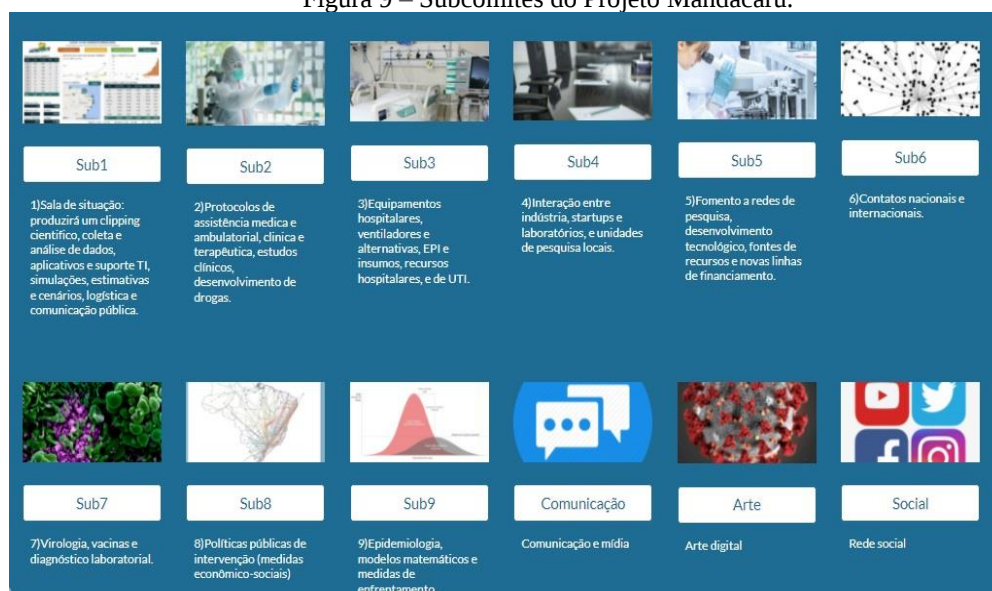
3.2 – O Projeto Mandacaru e a Rede Nacional de Combate à desinformação

Conforme informações retiradas da plataforma⁴¹, o Projeto Mandacaru é uma organização informal e virtual, criada no ano de 2020 pelo Comitê Científico de Combate ao Coronavírus do Consórcio Nordeste - C4NE⁴². O projeto é composto por voluntários especialistas de diferentes áreas que colaboram cientificamente na busca de soluções para enfrentar a pandemia. (PROJETO MANDACARU, 2020).

Dessa maneira, estudantes, professores, cientistas, profissionais da saúde, bem como das áreas de exatas e humanas, podem contribuir das mais diversas maneiras: divulgando informações baseadas em ciência, combatendo notícias falsas, compartilhando artigos científicos relacionados ao Covid-19 (protocolos, tratamentos, equipamentos, técnicas), compartilhando projetos, contribuindo com análises, e influenciando políticas públicas para melhorar a sociedade. (PROJETO MANDACARU, 2020).

Para isso, o Projeto Mandacaru conta com uma plataforma digital que se organiza através de subcomitês, como é possível ver a seguir:

Figura 9 – Subcomitês do Projeto Mandacaru.



Fonte: Plataforma do Projeto Mandacaru, 2021. Disponível em: <https://www.comitecientifico-ne.com.br/mandacaru>. Acesso em: 04 nov. 2021.

⁴¹ Disponível em: <https://www.comitecientifico-ne.com.br/mandacaru>. Acesso em: 02 nov. 2021.

⁴² Disponível em: <https://www.comitecientifico-ne.com.br/c4ne/o-c4ne>. Acesso em: 04 nov. 2021.

Ao todo, o projeto conta com nove subcomitês e cada um possui uma finalidade específica. Dessa forma, ao acessarem a plataforma digital, pesquisadores voluntários têm a oportunidade de se inscrever em qualquer subcomitê de sua área de pesquisa e interesse, e assim, contribuir com artigos, análises, projetos, entre outros, referentes ao coronavírus. Todo esse material passa pela avaliação de pesquisadores do Comitê Científico, antes de serem publicados na plataforma do próprio Comitê e no site do Projeto Mandacaru⁴³.

Quanto ao site, observamos que ele se difere da plataforma digital, pois encontramos apenas os resultados das pesquisas propostas pelos voluntários do Projeto Mandacaru. Esses resultados se traduzem em textos de diversos gêneros, como infográficos, tabelas, boletins, podcasts, entre outros. Dessa forma, apesar do vasto material produzido pelo projeto, escolhemos como materialidade de análise diálogo feito com a *Rede Nacional de Combate à desinformação* com acesso através do site do Projeto Mandacaru. Na imagem a seguir é possível ver a página inicial do site:

Figura 10 – Página inicial do site do Projeto Mandacaru.



Fonte: Site do Projeto Mandacaru, 2021. Disponível em:

<https://sites.google.com/view/pmandacaru/inicio?authuser=0>. Acesso em: 04 nov. 2021.

O logotipo do Projeto Mandacaru encontra-se à esquerda na imagem, e tem, em sua composição, um mandacaru (nome científico: *Cereus jamacaru*), vegetação típica do semiárido brasileiro, que é predominantemente nordestino. Dessa forma, podemos perceber, através do princípio de intericonicidade (Courtine, 2019) citado anteriormente, uma resignificação do mandacaru no logotipo do projeto. Além do logotipo, o site também conta

⁴³ Disponível em: <https://sites.google.com/view/pmandacaru/inicio?authuser=0>. Acesso em: 04 nov. 2021.

com uma imagem de fundo de um mandacaru que se relaciona interdiscursivamente com o nome do projeto e seu logotipo. Assim sendo, o projeto atribui a seu discurso, um tom de pertencimento e proximidade com a região nordestina, afinal, foi um projeto idealizado pelo Consórcio Nordeste e pelo Comitê Científico do Consórcio Nordeste.

Junto a esses elementos, tem-se um pequeno texto explicativo sobre o que é e como funciona o Projeto Mandacaru, além de três seções, que redirecionam o leitor para outro lugar, são elas: “Painéis Covid-19”, “Clipping Científico” e “Combate à Desinformação.” Voltaremos nossa análise mais detalhadamente sobre a última seção, visto que, ela se relaciona de maneira direta com a pandemia de fake news sobre qual estamos discutindo neste capítulo.

Sendo assim, ao acessar essa seção, somos redirecionados para o site da Rede Nacional de Combate à Desinformação - RNCD⁴⁴, como podemos ver na imagem a seguir:

Figura 11 – Página inicial da Rede Nacional de Combate à Desinformação.



Fonte: Site da Rede Nacional de Combate à Desinformação, 2020. Disponível em <https://rncd.org/>. Acesso em: 05 nov. 2021.

Segundo informações retiradas do site da RNCD, a *Rede* surgiu a partir de uma inquietação acerca do crescimento da desinformação, sobretudo nesses últimos anos. Dessa forma, a ideia foi apresentada dentro do Projeto Mandacaru, e amadurecida durante meses. Assim, a Rede fez parceria com universidades, agências, instituições, coletivos, projetos, observatórios e movimentos sociais, visando combater a pandemia de desinformação crescente no país.

Assim sendo, analisando a imagem anterior, percebemos que a página inicial do site da RNCD é preenchida quase que por completo pela cor preta, tendo ao fundo a imagem da mão de um homem digitando algo em um computador. Dessa forma, a cor preta produz um

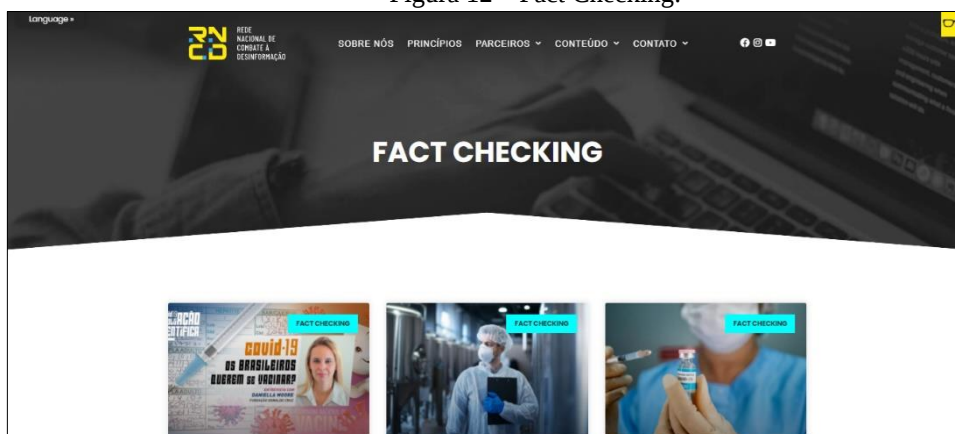
⁴⁴ Disponível em: <https://rncd.org/>. Acesso em: 05 nov. 2021.

efeito de sentido que atribui à organização um caráter de respeito. Além disso, a imagem de fundo retoma em nossa memória discursiva o papel de um investigador, coincidindo com o objetivo da organização – investigar e desmentir informações falsas.

Dando continuidade, podemos dizer que a *Rede Nacional de Combate à Desinformação* ocupa um lugar de poder, assim como vimos no Instituto Butantan e na forma e organização discursiva do Projeto Mandacaru. O que diferencia a Rede dessas duas últimas é que além de fazer checagem de notícias potencialmente falsas acerca da pandemia de coronavírus, ela também faz checagens de notícias fora dessa temática, como por exemplo a notícia “Deputado afirma que cartilha de escola em Palmas promove ideologia de gênero⁴⁵”, que foi desmentida pela própria RNCD.

Essa checagem de fatos pode ser acessada ao clicar na seção “Conteúdo” e logo depois na seção “fact checking”⁴⁶. Nessa seção é possível encontrar notícias com potencial de falsidade organizadas uma ao lado da outra, como podemos ver a seguir:

Figura 12 – Fact Checking.



Fonte: Site da Rede Nacional de Combate à Desinformação, 2020. Disponível em: <https://rncd.org/category/fact-checking/page/2/>. Acesso em: 05 nov. 2021.

Ao analisarmos a figura 12, percebemos que as notícias da seção “fact checking” se organizam justapostas, de maneira categorizada, como se funcionasse como uma grande sala de arquivo, em que cada notícia é uma gaveta cheia de informações a serem consultadas. Essa organização disciplina o olhar do leitor, que pode escolher qual notícia ler, entre a diversas que foram selecionadas e oferecidas, pois a escolha de quais notícias irão compor a

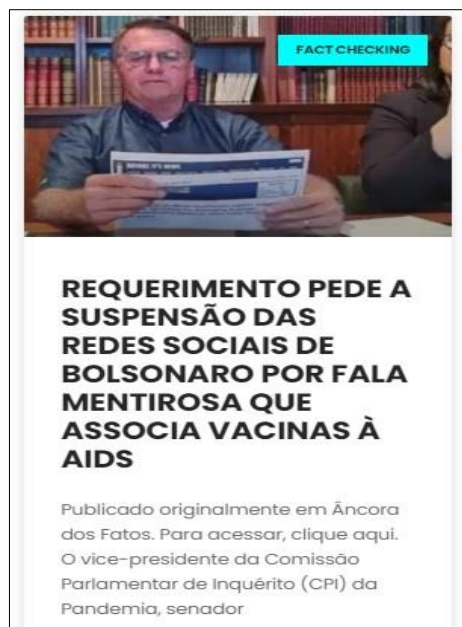
45 Deputado afirma que cartilha de escola em Palmas promove ideologia de gênero. Disponível em: <https://rncd.org/deputado-afirma-que-cartilha-de-escola-em-palmas-promove-ideologia-de-genero/>. Acesso em: 05 nov. 2021.

46 Checagem de fatos (tradução nossa).

“fileira” também não é por acaso, isso porque faz parte do processo de discursivização da plataforma e produz sentido(s).

Essa seção também traz a fake news analisada no tópico anterior, como podemos ver a seguir:

Figura 13 – Fakes news que associa vacinas à AIDS.



Fonte: Site da Rede Nacional de Combate à Desinformação, 2020. Disponível em: <https://rncd.org/category/fact-checking/>. Acesso em: 05 nov. 2021.

A notícia⁴⁷ possui um “selo” em azul denominado “fact checking”, o qual define que ela passou por uma checagem antes de ser postada no site. Esse recurso possui bastante semelhança com a notícia postada no site do Instituto Butantan, analisada no tópico anterior, que também carregava um “selo” em azul, junto à palavra #fato. Vemos aqui que os efeitos de sentido produzidos pelos enunciados possuem estreita semelhança, pois, no caso do enunciado da figura 12, a cor azul também infere confiança e segurança, pois a notícia passou pela “checagem” da Rede Nacional de Combate à Desinformação.

A notícia foi publicada originalmente no “Âncora dos Fatos” – site de checagem de informações e parceiro da RNCD. Quanto ao seu conteúdo, ela desmente a fake news pronunciada pelo presidente da república, Jair Bolsonaro. Para tanto, o site se utiliza das vozes de instituições científicas como a Sociedade Brasileira de Imunologia e a Associação Médica Brasileira. Ou seja, recorre mais uma vez para a ciência pois é lá que se encontra a

⁴⁷ Disponível em: <https://rncd.org/requerimento-pede-a-suspensao-das-redes-sociais-de-bolsonaro-por-fala-mentirosa-que-associa-vacinas-a-aids/>. Acesso em: 05 nov. 2021.

verdade. Vemos, assim, que tal notícia passou por várias checagens em portais – o que configura a estratégia de repetição como validade do dizer.

Dessa forma, considerando a análise feita neste capítulo, percebe-se nessas plataformas científicas a junção do discurso científico com o discurso jornalístico, pois seus discursos constroem a “história do tempo presente”, e por isso, estão atravessados pela prática jornalística que “(...) se caracteriza pelo emprego de estratégias que promovem uma construção da realidade no e pelo discurso.” (NAVARRO, 2005, p. 113).

Finalmente, todas essas plataformas digitais analisadas neste capítulo, o Instituto Butantan e o Projeto Mandacaru através da Rede Nacional de Combate à Desinformação, são ferramentas biopolíticas que atuam de maneira sutil sobre a população, de forma que é quase imperceptível perceber as “garras” desse poder atravessando o corpo físico e social. Um poder que nem sempre diz não ou que aliena os sujeitos. Assim, além de formar e informar os sujeitos, essas plataformas “(...) promovem uma construção da realidade no e pelo discurso.” (NAVARRO, 2005, p. 113). Dessa forma, a verdade não se encontra apenas no que é dito, mas também na forma como se diz, do lugar de onde fala e quem fala.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cenário catastrófico ocasionado pela pandemia de coronavírus, que assola o Brasil e o mundo, desde o início de 2020, proporcionou a emergência de uma infinidade de discursos – a favor e contra o saber científico. Assim sendo, este trabalho analisou de que maneira ocorre o processo de discursivização presente em plataformas científicas brasileiras, a saber, O Instituto Butantan e o Projeto Mandacaru por meio da Rede Nacional de Combate à Desinformação. Nesse sentido, foram analisados enunciados referentes à vacinação contra o Covid-19, que irromperam no ano de 2021.

Para tanto, retomamos em Foucault os elementos que constituem o discurso, isto é, enunciado, acontecimento discursivo, formação discursiva, além de como o saber-poder se relaciona com esses elementos e produz discurso, nesse caso, o discurso científico. Somado a isso, entendemos que a verdade se relaciona diretamente com o saber científico, de tal forma que um discurso só é legitimado como verdadeiro se ele estiver alinhado aos dizeres do saber científico, dependendo da época em que esse enunciado emerge.

Além disso, traçamos um breve percurso de como surge uma nova tecnologia do poder – a biopolítica – que muda definitivamente a maneira como o poder age sobre o corpo humano. Essa nova tecnologia atua sobre a massa populacional, objetivando “encompridar” a vida desses sujeitos. Por isso, Foucault afirma que o poder não é apenas uma fermenta de censura, mas ele é produtivo, pois produz discurso e forma saber.

Assim, apresentamos os mecanismos responsáveis pelo funcionamento desse biopoder, isto é, dados científicos referentes ao número de mortos pelo coronavírus no Brasil, além do número de infectados, de vacinados e não vacinados. E por fim, apresentamos também dados relacionados à eficácia de cada vacina que circula no Brasil atualmente, a saber, Pfizer, Coronavac, Janssen e AstraZeneca.

Nesse contexto, entendemos que as construções discursivas presentes nas plataformas digitais do Instituto Butantan e do Projeto Mandacaru através da Rede Nacional de Combate à Desinformação, mediante o uso de objetos símbolos, a forma de organização das imagens, o uso de hashtags e termos que atribuem valor de verdade, bem como dados científicos, definem essas plataformas como instrumentos do biopoder, pois visam preservar e prolongar a vida do homem-espécie. Nesse sentido, promovem uma articulação entre o saber e o poder, produzindo diversos efeitos sentido por atribuir um valor de verdade e credibilidade ao discurso científico.

Dessa forma, mediante à maior crise sanitária da história, a qual já ultrapassou mais de cinco milhões de mortos, e que foi agravada ainda mais pela pandemia de desinformação a que estamos expostos – sustentada pelo fenômeno da pós-verdade – essas plataformas digitais funcionam como antídotos para combater o vírus da fake news. Por isso, afirmamos que essas mídias, bem como suas respectivas construções discursivas só existem devido a pandemia e a esse contexto de desinformação, ou seja, é em razão dessas condições de produção que esses discursos emergem.

Por fim, através da análise das práticas contemporâneas de discurso, este trabalho evidencia a importância da ciência – infectologia, medicina, entre outros – no combate ao Covid-19, bem como da ciência linguística, neste caso em específico, os elementos discursivos responsáveis pela construção dos enunciados produzidos pelas plataformas científicas brasileiras. Assim, essas mídias estão encarregadas de confrontar e combater a pandemia de desinformação da qual o Brasil e o mundo se tornaram refém. Mas não para sempre.

6 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bolsonaro dá posse a Marcelo Queiroga como ministro da Saúde em cerimônia reservada. *G1*, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/03/23/bolsonaro-da-posse-a-marcelo-queiroga-como-ministro-da-saude.ghtml>. Acesso em: 27 out. 2021.

BRAGA, Dafne. O que são os emojis, de onde vieram e como fazer marketing com eles. Rockcontent, 2017. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/emoji/>. Acesso: 05 nov. 2021.

Brasil decreta emergência sanitária por causa do novo coronavírus. *G1*, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/02/04/brasil-decreta-emergencia-sanitaria-por-cao-do-novo-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 27 out. 2021.

Brasil mantém queda expressiva na média móvel de mortes por Covid há uma semana, com 235 vítimas por dia. Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2021/11/08/brasil-mantem-queda-expressiva-na-media-de-mortes-por-covid-ha-uma-semana-com-235-vitimas-por-dia.ghtml>. Acesso em: 08 nov. 2021.

Brasil se aproxima de 160 mil mortes por coronavírus. *G1*, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/10/31/casos-e-mortes-por-coronavirus-no-brasil-em-31-de-outubro-segundo-consorcio-de-veiculos-de-imprensa.ghtml>. Acesso em: 01 nov. 2021.

Cambridge Analytica se declara culpada em caso de uso de dados do Facebook. *G1*, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2019/01/09/cambridge-analytica-se-declara-culpada-por-uso-de-dados-do-facebook.ghtml>. Acesso em: 03 nov. 2021.

Cinco coisas para saber sobre vacina da AstraZeneca/Oxford. *Uol*, 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/afp/2021/04/03/cinco-coisas-para-saber-sobre-vacina-da-astrazenecaoxford.htm>. Acesso em: 01 nov. 2021.

Consórcio de veículos de imprensa completa 500 dias de trabalho colaborativo. *G1*, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/10/20/consorcio-de-veiculos-de-imprensa-completa-500-dias-de-trabalho-colaborativo.ghtml>. Acesso em: 27 out. 2021.

COURTINE, Jean Jacques. *Decifrar o Corpo: pensar com Foucault*. Tradução Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CoronaVac é a vacina mais aplicada do mundo na faixa de três a 17 anos, afirma Dimas Covas. *Instituto Butantan*. Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/coronavac-e-a-vacina-mais-aplicada-do-mundo-na-faixa-de-tres-a-17-anos-afirma-dimas-covas>. Acesso em: 04 nov. 2021.

CoronaVac: tudo que você sempre quis saber e não tinha para quem perguntar. *Instituto Butantan*, 2021. Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/coronavac-tudo-que-voce-sempre-quis-saber-e-nao-tinha-para-quem-perguntar>. Acesso em: 31 out. 2021.

D'ANCONA, Matthew. *Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news*. 1. ed. Barueri: Faro Editorial, 2018.

DA EMPOLI, Giuliano. *Os engenheiros do caos*. 1. ed. São Paulo: Vestígio, 2020.

Delta avança no Brasil, mas gama continua sendo a variante predominante; veja o que se sabe. *G1*, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/08/17/delta-avanca-no-brasil-mas-gama-continua-sendo-a-variante-predominante-veja-o-que-se-sabe.ghtml>. Acesso em: 28 out. 2021.

Delta, Gama, Beta: quais são as principais variantes da covid e quanta proteção as vacinas oferecem? *BBC News*, 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-57695556>. Acesso em: 27 out. 2021.

EL PAÍS Brasil. “Estamos a poucas semanas de um ponto de não retorno na crise da covid-19”. Youtube, 31 mar. 2021. (20 min. 01s). Disponível em: [EP 01 | “Estamos a poucas semanas de um ponto de não retorno na crise da covid-19”](#). Acesso em: 27 out. 2021.

Estudo revela predominância de variante delta em São Paulo. *Uol*, 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/09/02/estudo-revela-predominancia-de-variante-delta-em-sao-paulo.htm>. Acesso em: 28 out. 2021.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de novembro de 1970*. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

_____. *A Arqueologia do saber*. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2020.

_____. *Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976)*. (trad. de Maria Ermantina Galvão). São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. *Microfísica do poder*. 10 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

_____. *Nascimento da biopolítica*. In: FOUCAULT, Michel. *Resumo dos cursos do Collège de France (1970 – 1982)*. Tradução: Andréa Daher; consultoria: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. 42. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

FRANCONETI, Marina. A morte e a vida nas catacumbas centenárias de Paris. *Artrianon*, 2019. Disponível em: <https://artrianon.com/2019/10/31/a-morte-e-a-vida-nas-catacumbas-centenarias-de-paris/>. Acesso em: 20 out. 2021.

Governo confirma 1º caso de coronavírus no país e coloca 20 sob suspeita. *Uol*, 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/02/26/ministerio-da-saude-coronavirus-brasil-primeiro-caso-contraprova.htm>. Acesso em: 27 out. 2021.

GREGOLIN, Maria do Rosário. *O acontecimento discursivo na mídia: metáfora de uma breve história do tempo*. In: Discurso e mídia: a cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003.

Hashtag: o que significa e como usá-la na sua estratégia de Marketing Digital. *Resultados Digitais*, 2020. Disponível em: <https://resultadosdigitais.com.br/blog/o-que-e-hashtag/>. Acesso em: 05 nov. 2021.

Itália põe um quarto do país em quarentena e ordena fechamento de cinemas, teatros e museus. *G1*, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/noticia/2020/03/07/italia-deve-decretar-quarentena-em-toda-a-regiao-da-lombardia.ghtml>. Acesso em: 23 out. 2021.

INSTITUTO BUTANTAN. Butantan Tira Dúvida. Disponível em: <https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida>. Acesso em: 04 nov. 2021.

INSTITUTO BUTANTAN. *Histórico*. Disponível em: <https://butantan.gov.br/institucional/historico>. Acesso em: 04 nov. 2021.

INSTITUTO BUTANTAN. *Home*. Disponível em: <https://butantan.gov.br/>. Acesso em: 04 nov. 2021.

INSTITUTO BUTANTAN. *O Instituto*. Disponível em: <https://butantan.gov.br/institucional/o-instituto>. Acesso em: 02 nov. 2021.

João 14:6. *Bíbliaon*. Disponível em: https://www.bibliaon.com/versiculo/joao_14_6/. Acesso em: 04 out. 2021.

Logo após aprovação da Anvisa, governo de SP aplica em enfermeira a 1ª dose de vacina contra Covid-19 no Brasil. *G1*, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/01/17/apos-aprovacao-da-anvisa-governo-de-sp-aplica-1a-dose-da-coronavac-antes-do-inicio-do-plano-nacional-de-vacinacao.ghtml>. Acesso em: 31 out. 2021.

Mapa da vacinação contra Covid-19 no Brasil. *G1*, 2021. Disponível em: <https://especiais.g1.globo.com/bemestar/vacina/2021/mapa-brasil-vacina-covid/>. Acesso em: 08 nov. 2021.

MELLO, P. C. Empresários bancam campanha contra o PT pelo Whatsapp. *Folha de São Paulo*, 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam-campanha-contra-o-pt-pelo-whatsapp.shtml>. Acesso em: 02 dez. 2021.

NAVARRO, Pedro. O papel da imagem e da memória na escrita jornalística da história do tempo presente. In: GREGOLIN, Maria do Rosário. (Org.) *Discurso e mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos: Claraluz, 2003.

O C4NE. *Comitê de Combate ao Coronavírus do Consórcio Nordeste*, 2020. Disponível em: <https://www.comitecientifico-ne.com.br/c4ne>. Acesso em: 04 nov. 2021.

Orientações a Respeito da Infecção pelo SARS-CoV-2 (Conhecida como COVID-19) em Crianças. *Portal de Boas Práticas em Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente*. Disponível em: <https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/biblioteca/orientacoes-a-respeito-da-infeccao-pelo-sars-cov-2-conhecida-comocovid-19-em-criancas/>. Acesso em: 27 out. 2021.

Primeira morte pelo coronavírus aconteceu em 12 de março, diz ministério. *Uol*, 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/06/27/primeira-morte-pelo-coronavirus-aconteceu-em-12-de-marco-diz-ministerio.htm>. Acesso em: 27 out. 2021.

Projeto Mandacaru. *Projeto Mandacaru*, 2020. Disponível em: <https://sites.google.com/view/pmandacaru/inicio?authuser=0>. Acesso em: 04 nov. 2021.

RNCD. Rede Nacional de Combate à Desinformação, 2020. Página inicial. Disponível em: <https://rncd.org/>. Acesso em: 05 nov. 2021.

RCND. Rede Nacional de Combate à Desinformação, 2020. Fact checking. Disponível em: <https://rncd.org/category/fact-checking/>. Acesso em: 05 nov. 2021.

REIS, Daniel. Deputado afirma que cartilha de escola em Palmas promove “Ideologia de Gênero.” *Rede Nacional de Combate à Desinformação*, 2021. Disponível em: <https://rncd.org/deputado-afirma-que-cartilha-de-escola-em-palmas-promove-ideologia-de-genero/>. Acesso em: 05 nov. 2021.

Requerimento pede a suspensão das redes sociais de Bolsonaro por fala mentirosa que associa vacinas à Aids. *Âncora dos Fatos*, 2021. Disponível em: <https://ancoradosfatos.com.br/requerimento-pede-a-suspensao-das-redes-sociais-de-bolsonaro-por-fala-mentirosa-que-associa-vacinas-a-aids/>. Acesso em: 05 nov. 2021.

ROBERTS, Michelle. Por que variante delta plus do coronavírus preocupa a Europa e os EUA. *Uol*, 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/bbc/2021/10/22/por-que-variante-delta-plus-do-coronavirus-preocupa-a-europa-e-os-eua.htm>. Acesso em: 28 out. 2021.

Moreira Serra, Allyne. *Fake News: uma discussão sobre o fenômeno e suas consequências*. 2018. Monografia (Graduação) – Curso de Ciência da Computação, Universidade Federal do Maranhão, UFMA, 2018.

SANTOS, L. W; CASTANHEIRA, D. *Leitura e modalização no ensino: análise de artigo de opinião*. PERcursos Linguísticos, Vitória (ES), v. 7, n. 17, p. (218-235), 2017.

SARGENTINI, V.; CARVALHO, P. H. V. A vontade de verdade dos discursos: os contornos das fake news. In: CURCINO, Luzimara; SARGENTINI, Vanice; PIOVEZANI, Carlos. (Org.). *Discurso e (Pós) – verdade*. 1. Ed. São Paulo: Parábola, 2021.

Variante Delta da Covid-19 se torna predominante no Amazonas, aponta Fiocruz. *G1*, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2021/10/27/variante-delta-da-covid-19-se-torna-predominante-no-amazonas-aponta-fiocruz.ghtml>. Acesso em: 28 out. 2021.

VIEIRA, Ezequiel. Fake news: um estudo sobre o contexto das primeiras referências à expressão feitas pelo Twitter do O Globo, Folha e Estadão. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 24., 2019, Vitória. Anais Eletrônicos... São Paulo: Intercom, 2019. Disponível em: https://portalintercom.org.br/anais/sudeste2019/lista_area_DT06.htm. Acesso em: 02 nov. 2021.

Verdade: ainda hoje não se sabe quem está com ela. *Super Interessante*, 2006. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/verdade/>. Acesso em: 04 out. 2021.

TEXEIRA, Lucas Borges. *Lockdown: como funciona, o que é, significado*. Uol, São Paulo, 27 out. de 2021. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/faq/lockdown-como-funciona-o-que-e-significado-e-regras-em-sp-e-mais-cidades.htm>>. Acesso em: 25 out. 2021.

5 estados e o DF vacinaram 109 mil contra Covid, aponta consórcio de veículos de imprensa; demais estados não divulgaram números. *G1*, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/vacina/noticia/2021/01/21/5-estados-e-o-df-vacinaram-109-mil-contr-covid-aponta-consorcio-de-veiculos-de-imprensa-dema-is-estados-nao-divulgaram-numeros.ghtml>. Acesso em: 28 out. 2021.

7 coisas para saber sobre a vacina da Janssen. *Uol*, 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2021/06/14/coisas-para-saber-sobre-a-vacina-da-janssen.htm>. Acesso em: 02 nov. 2021.

7 coisas para saber sobre a vacina da Pfizer/Biontech. *Uol*, 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2021/05/17/coisas-para-saber-sobre-a-vacina-da-pfizer.htm>. Acesso em: 02 nov. 2021.

#ProjetoMandacaru. *Projeto Mandacaru*, 2020. Disponível em: <https://www.comitecientifico-ne.com.br/mandacaru>. Acesso em: 04 nov. 2021.